

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARLON CITON

**DO *IMPERIUM* AO *REX*: A FORMAÇÃO DO PODER POLÍTICO-MILITAR DE
GENSERICO ENTRE OS VÂNDALOS (SÉCULO V)**

**CURITIBA
2013**

MARLON CITON

**DO *IMPERIUM* AO *REX*: A FORMAÇÃO DO PODER POLÍTICO-MILITAR DE
GENSERICO ENTRE OS VÂNDALOS (SÉCULO V)**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do diploma de graduação em História, Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto

CURITIBA
2013

AGRADECIMENTOS

Serei breve: agradeço a pessoas que tiveram importância ou tipo de influência positiva sobre o trabalho aqui desenvolvido, além de instituições ligadas ao mesmo.

Inicialmente, agradeço a Albino Citon e Avelina Novak Citon pelos incentivos e apoio financeiro para o desenvolvimento dessa pesquisa, o qual seria impossível desde o início ao término desta sem o apoio. Agradeço, juntamente, a Giordano Citon pelo convívio.

Ao Professor Doutor Renan Frighetto, por aceitar orientar a minha pesquisa, tendo importância prima no que foi discorrido e discutido nesse trabalho. Agradeço, assim, também a confiança por conceder uma bolsa de Iniciação Científica e ter orientado o trabalho ao longo dos anos. Não apenas por isso, também o agradeço pelos anos de convívio na universidade e diálogos.

Agradeço alguns professores que tiveram importância na minha formação como historiador e pesquisador. Professor Carlos Alberto Medeiros Lima, professor Dennison de Oliveira, professora Fátima Regina Fernandes, professor José Roberto Braga Portella, professora Helenice Rodrigues da Silva (*in memoriam*), professor Luiz Carlos Ribeiro, professora Martha Daisson Hameister e professor Ronei Clécio Mocelli.

Não citarei todos os amigos que tiveram importância no trabalho aqui realizado devido ao espaço reduzido para. No âmbito da Universidade: Alysson de Avila Costa, André Akamine, Bianca Hammerschmidt, Carlos Eduardo Zlatic, Danilo Medeiros Gazzotti, Daniel Dória, Frederico de Mello Abdalla, Gabriel Ferreira de Almeida Paizani, Gabriel Kotaka de Orte, Lana B. Baroni, Leonardo Girardi, Lucca Zanetti, Lucas Piccoli, Lucas Salmoria de Souza Rosa, Marco Antônio de França, Rafael de Mesquita Diehl, Raphael Guilherme de Carvalho e Thiago David Stadler.

Fora do âmbito acadêmico, agradeço aos indivíduos que tiveram influência nesse trabalho, sobretudo, aos amigos de Corbélia, com os churrascos na casa do Gotta e na Mecânica Rambo: Odamar Gottardo, Segalin (Antigo), André Rambo, Alessandro Rambo (Keki), entre outros. A outros amigos: Alex Bernardi, Getúlio Tominc e Yami Oliveira.

Devo agradecer também, a Polleria Osvaldo e ao Clube do Rum, pelo apoio moral ao longo desses anos.

No âmbito institucional, agradeço ao Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED) pelo auxílio logístico, CEDOPE pela disponibilidade de uso de equipamentos e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de Iniciação Científica.

עבֹד – *Non serviam*

Lucifer – Jeremiah 2: 20

RESUMO

Através da baliza teórico-temporal da *Antiguidade Tardia*, este trabalho possui como objetivo problematizar a concepção de formação de poder entre os Vândalos no século V, em especial ao caso de Genserico na consolidação de seu poder ao longo de sua trajetória político/militar entre os anos de 428 (ascensão ao poder de *Rex* dos Vândalos e Alanos) e 477 (sua morte). Concerne, sobretudo, em analisar conceitos-chaves presentes dentro das fontes históricas, em especial, *Rex* e *Regnum*, buscando entender a formação/trajetória desse personagem específico na linhagem nobiliárquica a qual ele pertencia, problematizando, assim, a formatação do poder ao qual tal *Rex* detinha no período correspondente. As análises retribuem, assim, ao contexto, historiografia e fontes, buscando compreender dentro da perspectiva de *transformação*. Escritos como Procópio de Cesareia, Idácio de Chaves e Próspero de Aquitânia concernem às primárias, as quais denotam a formulação do poder de Genserico sobre suas populações ocorre de forma diferente aos casos basilares da *Antiguidade Tardia*, não ocorrendo uma fundamentação de um *Regnum* amparado pelas *Lex*. Longe de estimular relações com elites locais romanas, além do caso da profusão do cristianismo ariano sobre a elite nobiliárquica Vândala e populações norte-africanas, o que indicam que a consolidação do poder de Genserico condicionava-se através de um comando político-militar de uma linhagem nobre, em especial a figura do *Rex* Genserico, não ocorrendo a consolidação legítima de um *Regnum* Vândalo. Tal fundamentação está mais ligada com as relações de poderes diretamente relacionada com um centralismo na figura do *Rex*, legítimo como líder de hordas de guerreiros/populações e, sobretudo, vitorioso em guerra, formatando uma concepção específica e identidade. Diferenciações e semelhanças entre outros casos na *Antiguidade Tardia* são decorrentes, fato de Átila, rei dos Hunos, com o centralismo de poderes em sua pessoa, e diferenciação na formatação de *Regnum* no caso dos Visigodos, Francos e Ostrogodos.

Palavras-chave: Poder político-militar. Vândalos. Século V.

SUMÁRIO

1 PREFÁCIO	8
2 INTRODUÇÃO	10
3 ANTIGUIDADE TARDIA E CONTEXTO	17
3.1 MUDANÇAS NO MUNDO ROMANO E BÁRBARO	17
3.2 AS MOVIMENTAÇÕES DO SÉCULO IV	19
3.3 <i>HISPÂNIA</i> . OS VÂNDALOS ASDINGOS E GENSERICO	22
3.4 A ESPECIFICIDADE DA ÁFRICA ROMANA	24
4 DISCUSSÕES HISTORIOGRÁFICAS	29
4.1 IDENTIDADE E <i>TRADITIONSKERN</i>	29
4.2 DEBATES ATUAIS	34
5 ANÁLISE DE FONTES	40
5.1 NATUREZA DAS FONTES	40
5.2 IDENTIDADE E <i>REX</i>	43
5.3 CIVILIZAÇÃO E BÁRBARIE	49
5.4 <i>REGNUM</i> E FORMATAÇÃO DO PODER	53
6 CONCLUSÕES PARCIAIS	61
FONTES	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
ANEXOS	69

1 PREFÁCIO

O objetivo dessa monografia está inserido na constituição de uma análise de fontes, contexto e historiografia acerca da constituição do poder político-militar Vândalo. Em especial, o caso de Genserico na consolidação de seu poder ao longo de sua trajetória político/militar entre os anos de 428 (ascensão ao poder de *Rex* dos Vândalos e Alanos) e 477 (sua morte). O foco concerne a entender a formação/trajetória desse personagem específico na linhagem nobiliárquica a qual ele pertencia, problematizando, assim, a formatação do poder ao qual tal *Rex* possuía no período da Antiguidade Tardia.

Colocamos, assim, brevemente o que este trabalho busca, pensando em tentar deixar de forma mais clara e objetiva o que tentaremos propor. Ao confeccionarmos os motivos para o estudo desse objeto em específico, temos em mente que ele já foi discutido ao longo dos anos, porém não com tanta importância frente estudos de outras linhagens nobiliárquicas e reinos.¹ Os motivos apontam para a dificuldade em estudar um objeto que não deixou fontes escritas diretas, apenas por testemunhos de autores em ambientes fora da autoridade/perspectiva Vândala e escritos póstumos. O mesmo ocorre com o estudo dos Hunos, o problema na falta das fontes não diretas diminui a produção desenvolvida pelos pesquisadores, o que torna um assunto mais propício a lacunas historiográficas.

Pretendemos, assim, com leituras sobre a formação do poder político/militar e *etnogênese*, desenvolver análise de fontes e contexto sobre os Vândalos, principalmente o desenrolar da linhagem nobiliárquica Asdinga. Através, sobretudo, de discussão de conceitos recentes, aplicados, muitas vezes, em outros objetos de estudo (caso dos Godos, Lombardos, Francos etc). Desse modo, para o desenvolvimento da pesquisa e legitimidade, o trabalho concerne em fazer uma abordagem nova com a problematização de conceitos atualmente discutidos na academia, debatendo com trabalhos já feitos acerca do objeto².

¹ Texto de Christian Courtois pode ser considerado como primordial para o desenvolvimento da pesquisa histórica sobre os Vândalos. Posteriormente, poucos trabalhos foram constituídos sobre os mesmos, tendo os conceitos desenvolvidos sobre o período, não relacionando de forma complacente com o objeto aqui referido. Citamos: COURTOIS, C. *Les Vandales et l'Afrique*. Paris: Arts et Métiers graphiques, 1955. MERRILS, A. H. MILES, J. *The Vandals (The Peoples of Europe)*. Wiley-Blackwell. MERRILS, A. H. (Ed.). *Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antique North Africa*. Aldershot, Eng., and Burlington, Vt.: Ashgate, 2004. Juntamente com CAMERON, A. *The Vandal conquest and Vandal rule (A.D. 429–534), XIV*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

² Apontamos que os Vândalos são pouco relevantes dentro do cenário acadêmico historiográfico, tendo poucos trabalhos atualmente discutindo pontos importantes na atualização sobre a Antiguidade Tardia. Apontaremos ao longo deste várias referências historiográficas sobre.

Genserico, personagem foco, *Rex das Gentes Vândalas e Alanas*, aponta como uma figura interessante para o desenvolvimento de uma pesquisa sobre a Antiguidade Tardia dentro desses conceitos acerca da política e fragmentação política do Império Romano Ocidental. Sua figura denota para um processo específico dentro de tal temporalidade, em como fundamentar o conceito de *Identidade* concernente de outros casos, pensando especificidades na formação de linhagens nobiliárquicas. Uma das hipóteses, frente à análise contextual e conceitual, converge para a formatação de poder na figura do *Rex Vândalo*, inicialmente com Gunderico e consolidação com Genserico. Tal proposição concerne a uma interessante perspectiva sobre a fundamentação do poder político na Antiguidade Tardia, e, juntamente, como ocorriam relações na constituição do mesmo em diversas esferas.

O ponto principal converge ao modo de poder que Genserico possuía, como *Rex* e detentor de uma autoridade frente a populações bárbaras, no estabelecimento definitivo em norte de África e legitimidade régia de sua linhagem nobiliárquica, nesse caso os Asdingos. Genserico, em hipótese, como líder militar e representante de uma família nobre, não constituiu amparado político-institucional representativo em seu período, apontando para maior centralismo político sobre sua autoridade (juntamente como Átila, rei dos Hunos, concerne a um caso similar na Antiguidade Tardia). Pensamos que, assim, o poder Vândalo causa uma problemática na constituição de sua autoridade sobre os diversos grupos bárbaros, tentando entender como se constituía o poder e o aparato ao qual Genserico possuía.

Sobre o ponto metodológico, utilizamos de análise de contexto temporal dos séculos IV, V e VI, buscando problematizar as relações ali existentes. Com as fontes dirigimos entender como fundamenta-se o poder desse *Rex Vândalo*, quais termos são colocados de forma que identifique características para compreender Genserico em seu contexto. Pela forma que possuía diferenciações majoritárias nas naturezas das fontes, temos Procópio com *História das Guerras livro III e IV*, proferindo um relato do vencedor dos Vândalos, os Romanos orientais sobre o comando do *magister militum* Belisário; Idácio de Chaves com relato da sua *Crônica*, partindo de uma base cristã e ocidental; além Prospero de Aquitânia, Anônimo Valesiano II e Victor de Tunis; como relatos secundários elencados de forma que condizem com os pontos discutidos no trabalho, relevando, sobretudo, que o período possui poucas fontes e necessita uma análise crítica sobre elas no desenvolvimento de ideias coerentes.

Buscamos, desse modo, em fundamentar do trabalho em fontes e problemática que possibilite discutir o referente objeto em seu contexto, possibilitando algum tipo de desenvolvimento frente o recorte temporal e concepções acerca.

2 INTRODUÇÃO

Pensar a fundamentação de um trabalho histórico, nas sutilezas do desenvolvimento da considerada disciplina histórica, compreende, primeiramente, na autocompreensão do historiador frente seus métodos, perspectivas e concepções à mesma, em busca de uma racionalidade basilar para construir de seu trabalho.³ Iniciamos, assim, essa introdução com uma premissa capital ao ofício do historiador, o desenvolvimento de seu próprio conhecimento dito como uma ciência subjetiva, construtiva de narrativas históricas e consideradas ou não dentro do âmbito historiográfico. Porém, qual o motivo de apontar tais aporias historiográficas dentro de um trabalho que prima pela História Tardo-antiga? Ainda mais que se trata de um trabalho pontual dentro de questões muito mais amplas em um contexto específico?

Ponto nítido para pensar o desenvolvimento de uma pesquisa histórica, o historiador deve-se estar ciente de estar inserido em um contexto específico, como ser humano ativo e receptivo em ações que o permeia⁴. Pensar a formação do próprio conhecimento histórico em suas matrizes demonstra-se fundamental para sua função como construtor de conhecimento, na formação de questões para constituir uma problemática coerente. Considerar de forma não problemática conceitos que são essenciais para formatar a disciplina histórica faz com que a análise sobre as fontes e historiografia não seja complacente com a condição de pesquisador, crítico, sobretudo, para pensar o saber e sua construção. Assim, nas discussões de pontos como: Tempo, Espaço, Narrativa, Verdade etc.⁵, e as alteridades de interpretações que as

³ “A teoria da história articula-se com a auto-reflexão do pensamento histórico, que se processa no trabalho cotidiano da pesquisa histórica. As questões que surgem ao longo da pesquisa histórica e na historiografia desdobram-se, nesse processo, em questões fundamentais, relativas à história como ciência, em geral.” (RUSEN, 2001. P.26). A própria *práxis* da História necessita de desenvolvimento de reflexão sobre si, na forma de apropriação de problemas, fundamentação de concepções e entendimento das funções e pontos que tal implica. Assim, longe de ser considerado um saber estático dentro de metodologias próprias e, muitas vezes, não problemáticas, consideramos que o conhecimento histórico sobre qualquer subárea necessita de buscar tais reflexões para fundamentação de uma pesquisa.

⁴ A consideração sobre o tempo e contexto que o historiador está inserido é primordial dentro da análise do historiador, ponto que era ressaltado desde o século XIX com Droysen (*Manual de Teoria da História*) e muito bem desenvolvido por Marc Bloch em sua *Apologia a História*. Como historiador, o indivíduo está inserido em novas discussões não apenas na área historiográfica que seu estudo aborda, mas nas questões epistemológicas desenvolvidas pela Teoria da História.

⁵ Tais questões são amplamente discutidas dentro do âmbito da Teoria da História. No caso de como a verdade histórica constituiu no cenário historiográfico e concepções sobre narrativas temos as discussões de Revel em seu livro *História e Historiografia: Exercícios Críticos*; por mais que o autor debata diversos pontos sobre as concepções Francesas, como no caso das Mentalidades, Certeau até as Narrativas Históricas; ali temos questões tanto pelas formas de construção históricas quanto pelo caso de como a narrativa aparece como um recurso a noção de história, nunca como solução do caso da verdade e fundamentação. Passando de uma “tradição” de

permeiam, elas necessitam ser calculados como essenciais ao historiador, o qual um desses pontos está relacionado com a fundamentação desse trabalho e a escolha específica do tema.

Mesmo que tais conceitos acima sejam considerados relativos dentro das perspectivas desenvolvidas no cenário historiográfico, o caso do movimento temporal é constante, já que o não movimento indica o reino dos céus, não a pluralidade presente na realidade terrestre⁶. Pensar a pluralidade possui ressonâncias no caso filosófico da questão, nas formas materiais que formam o universo, não repercutindo em questões sociais ou problemas de diferenças locais formatadas pela sociedade. Detém caráter físico, sobretudo, condicional, não constituído pela ação dele próprio. Desse modo, cogitando na alteridade necessária para que o tempo exista, no eterno movimento que o próprio concerne, mesmo com suas diferenciações em perspectivas, existe apenas uma constante a ser elencada: movimento. O movimento é constante para pensar que algo não é aquilo mais, ou o que ele vai ser porque não é, é pensar diferença não igualdade, mas pelas mudanças.

Partindo dessa premissa, sabemos que a História, na formação de um conhecimento humano, prima por análises do homem no tempo⁷, não descartando fatores a natureza com o homem, mas possui tal perspectiva básica de pensar como o homem existiu, em sua alteridade, o movimento temporal⁸.

Assim, quando pensamos no desenvolvimento da história tardo-antiga, não podemos deixar de contar com esses pontos sobre o tempo, das mudanças e alteridades. Não apenas por

questionamento sobre a condição da história, a mesma como narrativa, Revel vai apontando a formatação e contribuição de historiadores atuais, de White, Ginzburg, Stoner a Ricoeur.

⁶ Mesmo sendo considerado um ponto dentro das premissas filosóficas, remontando a considerada filosofia “pré-socrática” frente à discussão de Parmênides e Heráclito (um da Escola Eleata e outro da Jônica, caso quisermos sintetizar suas perspectivas), a condição de pluralidade do material foi amplamente discutida durante do desenvolvimento da História da Filosofia, passando de Platão e Plotino a Hannah Arendt. O caso desta, ela desenvolve que um dos pontos da condição humana concerne a três atividades e suas respectivas condições com a existência humana, os quais são: Labor, Trabalho e Ação. Apontamos: “A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana tema alguma relação com a política: mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* - de toda vida política.” (ARENDR, 1958. P.15)

⁷ Existem várias formas de perspectivas temporais, se formos citar algumas: Factual, a Estrutural, Micro-história etc. Mesmo que possuam diferentes perspectivas de pensar objetos e tempos, todas possuem movimento por terem que usar o Tempo, mesmo em maiores durações, menores, objetos grandes ou pequenos.

⁸ Pensando como a História teria sido criada, pensamos como Aristóteles (Poética, 1451b1) fez uma análise do que a História era diferente do Poema épico, da tragédia e comédia (mesmo que essa última tenha sido perdida). Citamos: “O historiador e o poeta não se diferenciam pelo fato de um usar prova e o outro verso(...). A diferença está no fato de o primeiro relatar o que aconteceu realmente, enquanto o segundo, o que poderia ter acontecido.” Sua análise identifica uma questão temporal básica, o passado, o que já ocorreu e as possibilidades de construção imaginária no caso dos poemas. Se não existisse a conotação de Tempo, a História não teria formatação de princípios ou criada, pois indica ação no próprio passado e sua reprodução.

serem questões basilares a construção do que é a disciplina histórica e suas relações, mas como desenvolver um trabalho desse âmbito de forma consistente e, sobretudo, coerente. Ao refletir sobre a Antiguidade Tardia, estudando o contexto histórico consequente, conceitos e historiografia frente o período, percebemos como tal ponto sobre a temporalidade pode ser implicada e considerada de notória ao desenvolvimento de interpretações complacentes. *Transformação*, conceito de Frighetto⁹, utilizado atualmente nessa área em específico, indica como proposições sobre o tempo e Teoria da História possuem importância além de um debate mais teórico acerca do assunto, pois a análise do mesmo contém como objetivo entender as mudanças ocorrentes entre os séculos II – VIII. As modificações e novas relações são propostas como importantes, não em uma noção estática sobre o Império Romano, ou uma base metodológica específica, mas em movimento e transformação.

A baliza teórico-temporal da Antiguidade Tardia pode ser considerada como notória não apenas para pensar tais questões dentro da Teoria da História ou o entendimento do período específico, mas na composição do historiador como pesquisador na fundamentação de seu ofício e as relações historiográficas dentro do meio. Diferentemente de como o período foi elencado pelos trabalhos de Gibbon¹⁰, como sendo um período de decadência romana frente a anterior Antiguidade Clássica, a Antiguidade Tardia pode ser considerada como um período ímpar, que possui várias possibilidades relevantes ao profissional da história. Mas para problematizar ideias concernentes as construções históricas, como no caso de Gibbon, temos que buscar entender relações que o autor estava implicado, suas perspectivas históricas, assim como nos colocamos discutindo nessa introdução.

Perante a análise de Peter Gay em sua obra *O estilo da história*¹¹, o trabalho de Gibbon é discutido dentro do período do século XVIII, na compreensão do ofício do historiador como o que escava a realidade sobre a aparência, ponto que tornava cética sua análise sobre o desenvolvimento do Império Romano desde o tempo da República. A proximidade com a obra de Tácito, o qual é notório para o desenvolvimento desse trabalho, demonstra-se uma influência perspicaz, além de uma crítica desenvolvida ao longo do século XVIII na ilustração¹². Decorrente com as formas de críticas do recorte temporal, tendo como

⁹ Cf. FRIGHETTO, R. *Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano – Bárbaras numa época de Transformações (Séculos II-VIII)*. Curitiba: Juruá, 2012.

¹⁰ GIBBON, E. *The Decline and Fall of the Roman Empire*. III vol. Nova York: Modern Library, 1977.

¹¹ GAY, P. *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹² Muito interessante que a análise de Gay compreende não apenas o contexto do referente autor e do próprio conteúdo desenvolvido pelo mesmo, mas a relação constante destes fatores com o estilo de escrita de Gibbon. Citamos: “Estava claro – pelo menos para Gibbon – que, nos séculos em que o cristianismo moldara o espírito dos homens, a história, tal como a filosofia, servira-se como obediente criada a uma superstição rutilante. Mas

influências, além de Tácito e Amiano Marcelino na Antiguidade, como o *secularismo*, aversão à superstição e compromisso com a crítica eram presentes em Voltaire, Hume e Diderot.

A interpretação de Gibbon possui diversos méritos para pensar o Império Romano, sobretudo a erudição do autor e domínio contextual, mas sua tendência favorável às fontes de tais historiógrafos condiz com valorização de noções e perspectivas de seu período, na desconsideração ao cristianismo e determinadas mudanças¹³. O triunfo da barbárie e da religião, em síntese, resume a obra dele, o Império Romano caindo como berço da civilização moderna em decadência e queda, valorizando a perspectiva de seu período¹⁴.

A aceitação de sua obra, principalmente pela perspectiva que o mesmo implicou, apresentou diversos problemas na formulação de críticas consistentes posteriormente, além da referida desvalorização do período considerado decadente do Império Romano. O Baixo Império, assim como foi referido o recorte temporal posterior aos Severos e a Tetrarquia, foi considerado dentro de determinadas linhas historiográficas, tendo uma reflexão sobre o conceito de decadência de Gibbon¹⁵.

No caso da Antiguidade Tardia, mesmo o conceito ter sido desenvolvido muito posterior ao período do autor Inglês, a compreensão foi concernente à análise História da Arte do final do século XIX e início do XX, em especial a dois pesquisadores: Burckhardt e Riegl. Burckhardt ao analisar a cultura e a produção visual do tempo Constantino e sua linhagem, percebe características originais, transformadas com relação a estética clássica e da posterior

agora, no século XVIII, os homens civilizados voltavam a viver numa ‘era de luz e liberdade’ como comprazia-se Gibbon em dizer, uma era, pois, talhada à perfeição para a verdadeira historiografia.” (GAY, 1990, P.41)

¹³ “Gibbon pode, neste momento, distanciar-se de toda a história, para indagar especulativamente se a queda de Roma implica a queda da civilização moderna. Como sempre, a posição filosófica de Gibbon encontra-se solidamente engastada no ambiente cosmopolita e racional do Iluminismo.” (GAY, 1990. P.57)

¹⁴ Muito interessante ver como Gibbon aponta do medo da civilização ocidental deve ter com a barbárie, com as hordas de guerreiros que sempre vieram do leste e devastaram o ocidente. Tal ponto está presente na edição abreviada em português, em especial em *Observações gerais sobre a queda do império romano do ocidente*, página 536 da versão abreviada em português. Segue referência bibliográfica: GIBBON, E. *Declínio e queda do Império Romano*. Ed. abreviada. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

¹⁵ Análise de Gibbon possibilitou desenvolvimento historiográfico sobre o contexto, tendo alguns trabalhos que possuem relevância, citamos: PIGANIOL, A. *Historia de Roma*. Buenos Aires: EUDEBA, 1961. (Manuales de Eudeba/Historia). Dentro de uma perspectiva influenciada pelo Marxismo e as concepções de Gibbon, temos Mitre que aponta em sua obra, em especial nas páginas 49-57, vários aspectos da crise que teria ocorrido dentro o universo romano, relevando questões que Ferdinand Lot já apontava em seu trabalho *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média*. Entre eles: Crise econômica, política, religiosa, social, cultural e militar. Interessante como Mitre utiliza-se de concepções típicas do Marxismo ao desenvolver os aspectos econômicos de crise, o releva o historiador escrevendo em seu tempo.

arte Medieval ¹⁶. Assim como o pensador suíço, o austríaco Alois Riegl aponta em interpretação similar, e chama de *Spätromischer*, “Tardo Romana”, o produto artístico de fins do Império com suas especificidades ¹⁷.

Mesmo que tal concepção possuía interesse para as análises históricas, o conceito e batiza teórico-temporal só foi desenvolvida posteriormente com as obras de Irénée Marrou, *Décadence Romaine ou Antiquité Tardive?* ¹⁸, e de Peter Brown, *The World of Late Antiquity* ¹⁹. Em síntese, a obra do francês apresenta uma análise de referência cultural e artística, sendo um exame sobre o contexto e crítica historiográfica, repensando as noções dentre ruptura entre o mundo civilizado e as invasões bárbaras. Com Brown, o conceito *Late Antiquity* conseguiria popularidade na academia, transformando a ideia em uma categoria para análise, como *Organon* para entendimento dos séculos III ao VIII. Sua obra é interessante, já que analisa principalmente o cristianismo nas partes orientais do império, mas possibilita a reflexão social do período e desenvolvimento de aspectos muitas vezes não abordados por outros historiadores ²⁰. Demonstrando uma diferente concepção da realidade político/institucional/religiosa, formatando uma nova realidade histórica frente a anterior antiguidade clássica, como uma crítica a noções cristalizadas pela análise de Gibbon, denotando novas possibilidades de análise.

Com a nova forma teórico-temporal da Antiguidade Tardia, a proposição começou a ser mais aceita dentro do âmbito historiográfico e científico ²¹. Ponto que já poderia ser noção de desenvolvimento com algumas análises de obras ao longo do século XX e posterior consolidação com os dois historiadores acima citados ²². A partir das contribuições de Marrou e Brown, houve uma mudança na linha de constituição de obras sobre o período, provocando a discussão de diversos outros trabalhos, como nos casos de *Transformations of the Roman*

¹⁶ Cf. BURCKHARDT, Jacob. *Die Zeit Constantins des Großen*. Leipzig : E.A. Seemann, 1880.

¹⁷ Cf. RIEGL, Alois. *Die spätromische kunst-Industrie nach den Funden in Österreich-Ungarn im zusammenhange mit der Gesamtentwicklung der bildenden Künste bei den Mittelmeervölkern*. Viena: K. K. Hof- und Staats-druckerei, 1901.

¹⁸ Cf. MARROU, Henri – Irénée. *Décadence Romaine ou Antiquité Tardive ? III – IV siècle*. Paris : Seuil, 1997.

¹⁹ Cf. BROWN, Peter. *O fim do mundo clássico: de Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

²⁰ Brown possui obras sobre o Cristianismo no oriente, entre eles títulos como: *The Cult of the Saints: Its Rise and Function in Latin Christianity, Society & the Holy in Late Antiquity* e *Santo Agostinho: uma biografia*.

²¹ A baliza é considerada em geral pelas ciências humanas, como verificamos nas análises filosóficas de Reale e na coletânea de textos de Erler e Graeser. Segue referências bibliográficas. Cf. REALE, G. *Plotino e Neoplatonismo*. São Paulo: Loyola, 2012. Cf. ERLER M. GRAESER, A. (orgs). *Do Helenismo à Antigüidade tardia*. São Leopoldo: Editora Unisinos. 2005.

²² Já temos algumas possibilidades de relações com as obras tradicionais de Lot, Riché e Mitré, mas longe de saírem do paradigma constituído pela obra de Gibbon. Pretendemos apresentar alguns pontos concernentes a esses dois historiadores ao longo do trabalho.

*World*²³, *Journal of Late Antiquity*²⁴. Além de questionamento dessa perspectiva e defesa de uma perceptível mudança no contexto com a deposição de Rômulo Augustulus, com os trabalhos de Adrian Goldsworthy e Bryan Ward-Perkins²⁵.

No caso do desenvolvimento desse trabalho em específico, utilizaremos a baliza temporal da Antiguidade Tardia,²⁶ mesmo que parte da historiografia especializada use o termo *Early middle ages*, não discordando das proposições que a concepção anterior apresenta.²⁷ Por ser um trabalho que prima pela da constituição do poder político/militar Vândalo, no caso de Genserico na consolidação de seu poder ao longo de sua trajetória político/militar, não buscamos uma análise social ou artística que é de grande importância para a Antiguidade Tardia. Assim, o uso de historiografia diferenciada para entendimento a formulação desse trabalho foi constante e notório.

Frente esses apontamentos primos, indicamos que o uso da concepção de etnogênese, desenvolvida pela historiografia de Viena tem importância para cogitar a formulação desse trabalho. Desde as relações entre etnias diferentes na formulação de uma identidade, e pensar o conceito de *Traditionskern*, conduz possibilidades em desenvolver as ideias aqui apontadas sobre o poder do *Rex* Genserico. Assim, para melhor formulação do trabalho, dividimos em determinados pontos para organização e desenvolvimento das hipóteses propostas no prefácio, tendo um capítulo para o contexto, um para historiografia e um para fontes. Isso não significa uma divisão estática e que cada um tenha uso restrito de cada ponto, mas possibilidades de relações buscando organização do trabalho, como uma forma orgânica e construída.

Para as fontes, utilizamos de traduções de referenciais da *Loeb Classics*, *Editorial Gregos* e *Penguin Classics*. O texto em linguagem original também foi observado, buscando maior proximidade com a fonte e formulações lógicas das línguas Latina e Grega²⁸. Tais pontos podem ser vistos no capítulo terceiro e na bibliografia. Indicamos, sobretudo, que esse

²³ Concerne a um projeto que juntou as contribuições de vários historiadores, unidos por trabalhos centrados em temáticas Tardo-Antigas e pela proposta historiográfica de problematizar as continuidades e os desligamentos das sociedades pós-476.

²⁴ Possui relevância com os trabalhos de Clifford Ando, Arnaldo Marcone, Edward James, os quais discutem a validade do termo e suas implicações positivas e negativas a baliza teórico temporal da Antiguidade Tardia.

²⁵ Cf. WARD-PERKINS, Bryan. *The Fall of Rome and the End of Civilization*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2006 & GOLDSWORTHY, Adrian K.. *The Fall of the West: the Death of the Roman Superpower*. Londres: W&N, 2009. Para Perkins, do século V a *posteriori*, as sociedades vivenciaram um declínio com relação ao passado romano, de forma que continuidades e transformações seriam insignificantes frente a mudanças mais bruscas com as invasões bárbaras.

²⁶ Cf. FRIGUETTO, Renan. A longa Antiguidade Tardia: problemas e possibilidades de um conceito historiográfico. In: *VII Semana de Estudos Medievais*, 2010, Brasília: Casa das Musas, v. 1, pp. 101 – 122.

²⁷ Pretendo discutir essa historiografia no segundo capítulo desse trabalho.

²⁸ Caso da *Monumenta Germaniae Historica* de Mommsen, além das edições bilíngues.

estudo possui com o objetivo um estudo sobre os Vândalos no século V, apontamos para algumas conclusões, sempre com necessidade de revisões e observações.

3 ANTIGUIDADE TARDIA E CONTEXTO

3.1 MUDANÇAS NO MUNDO ROMANO E BÁRBARO

Ao refletir sobre o século V necessitamos, obrigatoriamente, em pensar o desenvolvimento temporal anterior ao mesmo. Várias mudanças dentro do ambiente político-institucional romano foram decorrentes com o chamado *Dominato*, sobretudo com as mudanças promovidas por Diocleciano²⁹. Ao consideramos tais, não podemos tencionar somente dentro desse espaço Romano, pois consolidaria uma divisão dicotômica entre romano e bárbaro, condizente com uma perspectiva clássica dos Gregos sobre os estrangeiros a concepção de civilização³⁰. Geograficamente temos constantes relações entre os povos bárbaros e romanos, em especial, nas províncias próximas aos rios Reno e Danúbio, os quais demonstram um fenômeno presente e constante durante o decorrer do século V com as movimentações populacionais³¹.

Se formos através de uma análise mais profunda sobre as estruturas que permeiam o período, podemos entender diversos problemas militares e necessidades de mudanças militar-administrativas no Império, as quais eram presentes desde Marco Aurélio no século II. O *limes romano* apresentava problemas com as incursões de Alanos e Marcomanos³², mas concernente ainda em um tempo com populações bárbaras não tão dispostas e compactuais com o universo romano e suas implicações. Diferentemente de bárbaros da época de Tácito³³,

²⁹ Diocleciano é considerado um personagem ímpar da chamada mudança da *Anarquia Militar* para o *Dominato*. Sua reforma possuiu diversos pontos nas formas administrativas e militares no Império Romano. Para pensar essas conotações, temos uma obra basilar na produção nacional, com capítulos de Gilvan Ventura Silva, Norma Musco Mendes e Ana Teresa Marques Gonçalves. Segue a referência bibliográfica: GONÇALVES, A. T. M.; MENDES, N. M.; SILVA, G. V. (Org.) *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

³⁰ Arnaldo Momigliano discute a relação dicotômica entre Bárbaro e Civilizado na perspectiva clássica, sobretudo grega, como um ponto desenvolvido com o pensamento ocidental Grego-latino. Interessante pensar que tal ponto era presente desde Heródoto apresenta ao observar da organização política do Egito: “Herodoto, para justificar el enorme tiempo concedido a Egipto, Dio dos razones contradictorias em el fondo; la primeira sostenía que ‘la mayoría de las costumbres y de las maneras de lós egípcios son exactamente el reverso de las prácticas comunes de lós hombres’ (2.35)”. Em: MOMIGLIANO, Arnaldo. *La sabiduria de los barbaros: los limites de la helenizacion*. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Economica, 1999. P. 15.

³¹ Termo *Völkerwanderung* é aplicado para apontar as movimentações de povos bárbaros decorrentes desde os Visigodos no século IV aos Lombardos no VI. É amplamente empregado por historiadores atuais sobre o desenrolar desse fenômeno nesse período, principalmente pela historiografia alemã (Wenskus, Wolfram). Além, logicamente, frente o termo Invasões utilizados pela historiografia mais antiga e Francesa (Riché, Musset).

³² Cássio Dio. Roman History. LXXII. 3 – 11.

³³ Em *Germania*, Tácito faz um tipo de trabalho etnográfico, possivelmente escrito no ano de 99 d. C. após *Agricola*. Possibilidades sobre o que a obra representa podem ser encontradas nas introduções das edições da

esses demonstravam um maior oponente a Roma, assim como os Partos Sassânidas no Oriente³⁴.

Porém uma disposição maior desses povos bárbaros só foi presente com o século III e IV. Possuindo, assim, uma organização não muito bem disposta, ainda em perspectiva tribal, essas populações, nos séculos I e II, faziam incursões de saques pequenos e localizados no território romano, ocorrendo mais pela formação e disposição de pequenos grupos que elegiam um *Rex*, aqui como um representante militar, estritamente, para tais práticas de saques³⁵. Com o decorrer dos anos, tais populações tiveram mais contato com o universo romano em guerras, alianças, trocas mercantes/culturais e outros tipos de interações. Mudanças ocorreram, desse modo, com o processo temporal histórico, apresentando outros pontos como importantes e novas relações tanto no universo romano quanto bárbaro.

Como parte dessas interações, podemos elencar alguns pontos no universo romano. É notória a diminuição do poder senatorial proveniente das magistraturas romanas para um poder centralizado no *Princeps*, posteriormente um *Dominus*³⁶, ao longo do século II, III e, finalmente, no IV. Outro fator condizente é a regionalização do poder, o que é muito presente nos séculos V e VI³⁷. O período dos Severos, assim como anteriormente com os Antoninos, já apontavam algumas mudanças na estrutura romana, além de necessidade de reformas nesse ambiente para um maior centralismo de poder na figura do Imperador, dentro da necessidade da relação de poder ali presente. As incursões bárbaras e aumento de poder com o Patronato era presente, ocorrendo um esvaziamento no ambiente urbano, das antigas *Polis*. Com a *Anarquia Militar*, e, posteriormente, *Dominato*, tal ponto pode ser mais considerado, já que os romanos tiveram impactos mais fortes com incursões bárbaras pelo norte e ascensão dos

Gredos e Loeb. Sobre os Vândalos, temos um termo etnográfico relevante: *Vandilios* em Germa. I, 4: “Some authorities, using the licence which pertains to antiquity, pronounce for more sons to the god and a larger number of race names, Marsi, Gambriuii, Suebi, Vandilli: these are, they say, real and ancient names, while the name of ‘Germany’ is new and a recent addition”. Sobre o termo *race* presente a tradução da Loeb, indicamos que o termo é *gentes* em latim, ponto que indicaremos no capítulo terceiro.

³⁴ Como aponta Riché, os Partos e Sassânidas nunca foram considerados bárbaros aos romanos, mas um inimigo em potencial.

³⁵ Tácito. German. I. 7. Cássio Dio. Roman History. LXXII. 11.

³⁶ *Dominato* é o termo colocado pela historiografia de forma padrão em divisão cronológica do Império, pois as fontes *posteriori* a Diocleciano chamando o Imperador não mais de *Princeps* (o primeiro do Senado), mas *Dominus* (senhor).

³⁷ FRIGUETTO, R. Estruturas Sociais na Antiguidade Tardia Ocidental (séculos IV/VIII). In: Gilvan Ventura da Silva; Norma Musco Mendes. (Org.). *Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro/Vitória: Mauad X/Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2006. pp. 223-240.

Sassânidas no oriente com Artaxes I e Sapor I ³⁸. O aumento da quantidade de províncias, buscando melhor administração, mudanças de táticas militares do *limes* para grandes centros, uso de bárbaros como *auxiliari*, diminuição da importância da aristocracia nas dinâmicas do exército, entre outros pontos, tão características das mudanças decorrentes no universo romano ³⁹.

Enquanto isso, os bárbaros começaram a ter determinadas famílias como mais importantes dentro de grupos tribais, legitimadas por possuírem o poder de elegerem os *Rex* e serem grandes guerreiros. Desse modo, novos grupos se formavam sobre a autoridade dessas novas famílias, configurando novas relações no âmbito político e aproximação maior com o universo romano. O tronco familiar começa a ter maior importância, ser mais legítimo, saindo da perspectiva de *Rex* eletivo, como demonstra Tácito ⁴⁰.

Pensamos que as mudanças que apontam dentro do ambiente bárbaro com o contato com os Romanos também possuíram indicativos nestes, tanto pela conjuntura que estavam inseridos e necessidades, quanto pelo contato com essas populações de forma mais intensa nestes séculos ⁴¹. Assim, pensar as mudanças nesse contexto são primos para entender os séculos IV, V e VI.

3.2 AS MOVIMENTAÇÕES DO SÉCULO IV

Ao considerar as movimentações, necessitamos pensar que elas indicam a possibilidade de estabelecimento de povos bárbaros em territórios romanos ⁴². Como ponto inicial, poderíamos colocar a passagem dos godos liderados por Alavivo e Fritigerno sobre o Danúbio, transpondo pelo limite da *Mésia Romana* no ano de 375. Tal ponto é descrito por

³⁸ Ascensão dos Sassânidas teve impacto forte sobre o Império Romano, sobretudo posteriormente ao governo de Alexandre Severo. Sapor I até capturou o *Princeps* Valeriano, fato impactante para a autoridade romana, assim como seria o Saque de Roma em 410 por Alarico.

³⁹ Todos esses pontos são discutidos pela historiografia atual. Vários podem ser consultados na bibliografia.

⁴⁰ Tácito. German. V .7. VI. 1-4 “Eligen a los reyes de entre la nobleza y a los jefes por su valor. El poder para los reyes no es ilimitado ni arbitrario; los jefes, más con el ejemplo que con autoridad, si actúan prestos, se dejan notar y van en vanguardia, ejercen el mando por la admiración que producen. Pero no está permitido castigar, ni atar, ni golpear; sólo porden hacerlo los sacerdotes, y no como castigo, no por mandato del jefe, sino porque lo manda la divinidad, que , así lo creen, les asiste cuando combaten.”

⁴¹ Apontamos esses pontos somente para indicar possibilidades de estudo. Não entraremos nesse ponto, mas como necessário ao pensar o período que aqui proposto, pois seria necessário um estudo muito maior, pensando as noções de etnografia além de possibilidades de fontes de origem Persa.

⁴² Esse ponto é importante ressaltar pois as incursões bárbaras que ocorreram durante o século III e passaram o *Limes* romano não tiveram qualquer busca por estabelecimento em tais localidades. Foram saques em suma, diferentes as movimentações ocorrentes cerca de cem anos depois, em uma diferente conjuntura.

Amiano Marcelino, o qual reflete como a porta de acesso para o desastre para Roma⁴³. Sua perspectiva sobre a entrada desses bárbaros tem que ser pensada antes de uma interpretação direta frente sua narrativa. Não eram populações bárbaras iguais as descritas por Tácito em sua *Germania*⁴⁴, mas em populações que já tinham um contato constante com autoridade romana⁴⁵, o que demonstra uma outra conjuntura histórica.

Era comum sucederem trocas de reféns em guerras, indivíduos serem educados tanto em cortes bárbaras quanto no mundo romano desde princípios do século IV. Um exemplo foi o bispo/missionário ariano *Úlfila*, ordenado pelo bispo *Eusébio de Nicomédia*, o qual traduziu a bíblia ao gótico sendo um dos principais responsáveis pela conversão dos povos bárbaros ao cristianismo ariano⁴⁶. Interessante notamos que essas trocas foram se intensificando com o tempo, chegando ao ponto de vários bárbaros estarem em posições de importância dentro do Exército romano, além da ocorrência de repulsa de certos estamentos da sociedade romana. Tais movimentações em grandes proporções são consequência, principalmente, do avanço dos Hunos e subjugação de povos sobre a autoridade, especialmente devido às derrotas de tribos greutungo-godas lideradas pelo rei godo *Ermanerico* para os Hunos; sucedendo, juntamente, com outras movimentações de populações como fuga⁴⁷.

Longe de serem tribos desorganizadas, no século IV temos povos bárbaros dispostos dentro de uma noção de famílias nobiliárquicas: os *Rex* eram localizados como homens de comando perene, diferente dos *Rex* elegíveis em uma “nobreza” presentes nas fontes de Tácito e Cassio Dio⁴⁸. Pensando como o poder fundamenta-se, não podemos desconsiderar que este estava relacionado com a identidade dessas populações bárbaras, dentro de uma linhagem nobiliárquica específica. A historiografia alemã considera um termo em específico na fundamentação do poder e identidade, *Traditionskern*, o que pretendemos trabalhar melhor

⁴³ Interessante notarmos como é feita no princípio do livro 31, o qual condiz com uma revisão escatológica do fim de Roma com as populações que Amiano aponta posteriormente. A visão do autor é caricatural, principalmente ao que concerne aos Hunos, quase como animais com forma humana. Amiano. *The Later Roman Empire*. XXXI. 1.

⁴⁴ Tácito, *German*. V. 7. VI. 1-4.

⁴⁵ Amiano. *The Later Roman Empire (AD 354 – 378)*. Londres: Penguin classics, 2004. PP. 410- 420. Amiano Marcelino também caracteriza as populações bárbaras no livro XXXI. 2, apontando características dos Hunos, Alanos e Godos.

⁴⁶ Sobre os godos: HEATHER, P; MATTHEWS, J. *The Goths in the Fourth Century*. Liverpool University Press: Liverpool, 1991. Juntamente com: WOLFRAM, H. *History of the Goths*. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 1990.

⁴⁷ Amiano. *The Later Roman Empire*. XXXI. 3.

⁴⁸ Tácito. *German*. V. 7. VI. 1-4. Cássio Dio. *Roman History*. LXXII. Interessante notarmos que na forma de caracterização dos Bárbaros, temos semelhanças entre os relatos desses historiógrafos Romanos/Gregos, com aos posteriormente de Procópio no século VI fazendo algo semelhante. Em: II, 1-7 (Livro terceiro, Guerras Vândalas).

no segundo capítulo deste trabalho. Em suma, temos que entender que o poder, juntamente com as relações sociais dessas populações bárbaras, tinham sido modificados com os contatos entre Romanos e com os Hunos (que são em sua maioria de etnia mongol)⁴⁹. As movimentações podem ser elencadas pela expansão dos Hunos, mas a entrada de bárbaros sobre o território romano deve ser problematizado além do alcance simples de leitura de fontes, na busca de entender que já existiam relações perpetuadas a um longo período de tempo.

Com a entrada desses Godos na *Mésia* em 375⁵⁰, ocorreram problemas com tais populações e a autoridade romana, resultando na vitória goda na *Batalha de Adrianópolis*, juntamente com a morte do Imperador Valente⁵¹. O estabelecimento de tais populações sucedeu como *foederati*, resultado de um tratado com Teodósio. Porém, esse só foi respeitado até a morte deste em 395, já que uma característica comum aos bárbaros era o contrato com o indivíduo o qual foi feito, não a instituição ou sucessor. E os sucedentes problemas de Alarico, *Rex* pertencente à família dos Baltos, e seus godos com o Império Romano Ocidental, inicialmente com Arcádio na *pars orientalis*, incursando, depois, contra a península itálica, sucedeu com alguns pontos existentes no século V⁵². Tal iniciativa fez com que o *Magister Militum* Estilício⁵³ transportasse as tropas do Reno para o norte da península, além da evacuação completa da *Britânia*, buscando proteger os centros estratégicos de Milão e Ravena. Com o Reno desprovido de proteção e a decorrente usurpação de Constantino III na *Gália*, por volta do ano de 406, diversos grupos bárbaros, em especial, Alanos, Suevos, e

⁴⁹ Por mais que seja caricatural o relato de Amiano, ele diferencia os Hunos com os Alanos e Godos, principalmente por características físicas e formas de combate. Os Hunos são apontados como povos provenientes das estepes, com uma cultura própria de frente as hordas da Germânia. Pensar que são um elemento novo quando Amiano constitui sua obra, diferentemente desses bárbaros conhecidos dos romanos a muito tempo. Outro ponto é que devemos considerar que até a realidade dos Hunos modificou-se com o contato com os bárbaros da Germânia e os Romanos. Longe de ser um ponto que trataremos nesse trabalho, mas Prisco de Pânio condiz com uma fonte a examinar a corte de Átila no século V, em que podemos perceber vários pontos da perspectiva Romana ali inseridos. Citamos: PINTO, O. L. V. **VIR IN CONCUSSIONE GENTIVM NATVS IN MVNDO: Proposições acerca do Poder Régio entre Átila e os Hunos (séc. V)**. (Monografia), Setor de Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

⁵⁰ Amiano. *The Later Roman Empire*. XXXI. 4-9

⁵¹ *Ibidem*. XXXI. 15-16

⁵² Procópio, *Guerra Vândala* (Libro III). II. 7-14.

⁵³ Flavius Estilício é um caso interessante para discorrer acerca de Identidade e “Barbarização” do Império. De pai vândalo e mãe romana, casou-se com Serena, filha de Teodósio I, tendo ascendido na carreira militar no período de seu sogro, chegando a posição de *Magister Militum* com Honório como Imperador do Ocidente. Mesmo tendo os traços da *civilitas* romana e possuir uma magistratura, ele é considerado vândalo, decorrente de sua origem e noção identitária estritamente romana.

Vândalos (Silingos e Asdingos), passaram a fronteira romana e entraram pela *Gália* e passaram, posteriormente, para a península ibérica⁵⁴.

3.3 HISPÂNIA. OS VÂNDALOS ASDINGOS E GENSERICO

Com a entrada de várias populações na *Gália* por volta do ano de 406, juntamente com a retirada das tropas imperiais da *Britânia*, temos uma conjuntura complexa de análise. A usurpação de Constantino III, juntamente com os problemas desenvolvidos com Alarico e seus godos na Itália trouxeram um contexto de instabilidade na *Pars Occidentalis* do Império. São diversas questões levantadas pela historiografia sobre essa passagem em específico e como ocorreram as especificidades das populações sobre a *Gália*. O caso desses grupos não permanecerem na *Gália* por mais de dois anos coloca um ponto de interesse nessas discussões: Constantino III teria feito acordos com essas populações? Como ocorreu a relação entre elas? O usurpador Constantino III, com os problemas apresentados em dois anos de estabelecimentos dessas populações bárbaras na região, entra em conflito com tropas privadas favoráveis a Honório e a família de Teodósio entre a *Gália* e *Hispânia*⁵⁵. Após o usurpador vencer as tropas privadas estacionadas nos Pirineus que ofereciam resistência às incursões à *Hispânia*, a passagem tornou-se livre para os bárbaros⁵⁶. Com a movimentação de tais *gentes*, esses grupos tiveram livres dentro de tais territórios, tendo apenas as elites locais como opositoras.

Por volta do ano de 408/409 e 429 temos várias populações bárbaras dentro da *Hispânia*, o qual temos o relato escrito por Idácio de Chaves⁵⁷. Cada população estabelece em determinadas regiões da península ibérica, os quais os exércitos com mais poder bélico

⁵⁴ Com a retirada das tropas de posições estratégicas do Reno, Estilício entendia que sua aliança com os Francos no outro lado do Reno seguraria incursões bárbaras sobre o território Imperial. Os Francos não conseguiram conter a entrada de tais populações, decorrendo com o desenvolvimento temporal posterior. Ponto descrito na obra de Idácio de Chaves, em sua Crônica, 205.

⁵⁵ Lembramos que Teodósio I era general de origem hispânica, tendo sucesso nos reinados de Valentiniano I e Graciano, conseguindo tornar-se co-emperador e casando com Galla, filha de Valentiniano I; sua família possuía apoio das elites romanas hispânicas, presente juntamente com Honório no início do século V.

⁵⁶ FRIGHETTO, R. *Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano – Bárbaras numa época de Transformações (Séculos II-VIII)*. Curitiba: Juruá, 2012. P.140

⁵⁷ Idácio tornou-se clássico para a discussão do período de movimentações bárbaras na península Ibérica, o que trás pontos positivos e negativos. Por ser uma fonte canônica no que tange o assunto, alguns historiadores buscam outras formas de análise sobre os acontecimentos apontados por Idácio. Indicamos assim, a obra de Friend: FRIEND, E. W. H. C. A New Eyewitness of The Barbarian Impact On Spain, 409-419. In: MARTINEZ, J. M. B. BLANCO, A. G. B. (Eds.). *Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano*. Murcia: VII, 1990.

tendem a ficar em localidades mais ricas. Após o conturbado período de movimentação Visigoda pela península itálica e estacionamento na *Aquitânia*, Walia, *Rex dos Visigodos*, fez um tratado de *foederati* com o imperador Honório e Constancio III, estabelecendo seu poder e “limpando” os outros povos que estavam na península ibérica e que não admitiam a autoridade Imperial. Walia conseguiu vitórias sobre os Alanos, Vândalos Silingos e Suevos (não total, estes se estabelecendo nas áreas montanhosas da *Gallaecia*, posteriormente consolidando uma aliança com Walia)⁵⁸. Os Vândalos Asdingos, que estavam na província da *Gallaecia*, não foram afetados diretamente, absorvendo o restante de populações vencidas pelos Visigodos quando deslocaram-se para *Bética*⁵⁹.

As populações que estavam sobre outros comandos entram sobre a autoridade do *Rex* Vândalo Gunserico, ponto que denota como o poder e identidade formavam-se sobre a elite nobiliárquica. Eles poderiam possuir origens diferentes, porém não é a consideração sobre a origem como válida nesse contexto, mas a autoridade do *Rex* sobre uma população mista, formando uma perspectiva de identidade étnica, o que fundamenta o conceito de *Traditionskern*⁶⁰.

Interessante notarmos o caso dos Vândalos Asdingos, conjunto que possuía pouca amplitude comparada aos outros grupos, principalmente nos âmbitos do poder político e militar, conseguindo mudar tal característica ao longo do século V. Como a elite nobiliárquica Asdinga possuía força entre as populações bárbaras comandadas por Godegisílio⁶¹, Gunderico sucedeu-o, sendo *Rex* até 428.

Em 428 morre Gunderico e seu irmão bastardo, Genserico, torna-se *Rex*⁶². Um ano depois, ocorre à passagem pelo estreito de Gibraltar, decorrente dos ataques visigodos e possível incursão romana/visigoda que buscava a eliminação dos Vândalos e Alanos de

⁵⁸ O caso dos Suevos é bastante complexo. Inicialmente tiveram conflito com os Visigodos, porém conseguiram uma aliança com Walia. A filha desse casou-se com Réquila, o qual seu irmão, Ricimero, tornou-se *magister militum* da *pars occidentalis* romana. Teodorico I, rei visigodo, entrou em conflito com Réquila, auxiliando as tropas do Imperador Avito contra os Suevos.

⁵⁹ Idácio. *Cronicon*: 240-250.

⁶⁰ A problemática historiográfica da *Traditionskern* concerne, principalmente, em utilizar como formação identitária para as elites nobiliárquicas. Wolfram, em *History of the Goths*, apresenta a forma basilar para a análise do conceito e suas aplicações, já que divide categoricamente e criticamente as diferentes identidades bárbaras frente ao conceito, sendo criticados pela escola de Toronto como uma perspectiva ideológica e não crítica. Considerando que tais referenciais podem ser considerados extremismos de uma visão dicotômica, resolvemos utilizar o conceito de forma problematizada e de melhor forma para a construção do discurso aqui apresentado. Um discurso, uma verdade parcial dentro da concepção subjetiva da história.

⁶¹ Godegisílio, rei Vândalo Asdingo e pai de Gunderico e Genserico, morreu na passagem pelo Reno em situação desconhecida (possivelmente lutando contra francos na região).

⁶² Procópio. *Guerra Vândala* (Libro III). III, 23 – 25.

Genserico.⁶³ Em África, o *Rex* vândalo conquistou diversas regiões, estabelecendo, inicialmente, na *Númidia* e posteriormente na *Cartaginense* e *África Protoconsular*. Sua fixação foi em etapas, inicialmente como *foederati*, e depois conquistando Cartago, desconstituindo o poder e autoridade romana no local⁶⁴. Na conquista, mortes notórias ocorreram como do bispo de Hipona, Agostinho, um dos doutores da Igreja Católica, uma das poucas cidades que tiveram resistência à conquista Vândala. Interessante notarmos que o estabelecimento dos Vândalos provocou diversos problemas para as elites romanas provenientes da África, além de ser considerado um ponto estratégico pela produção de grãos e localidade marítima⁶⁵.

3.4 A ESPECIFICIDADE DA ÁFRICA ROMANA

O domínio Vândalo ocorreu apenas na faixa litorânea da África ocidental, sendo o interior desprovido de qualquer autoridade, pelo menos inicialmente⁶⁶. Mas ao considerarmos o que tornou-se a conquista militar Vândala sobre a África, temos que ter em mente um contexto de especificidade local, o que condiz de forma prima a tal feito. O norte de África configurava-se em um ambiente diferenciado comparando a conjuntura mais abrangente do Império Romano, tanto em quesitos econômicos, culturais e religiosos. No caso político e militar, condizia em uma região com problemas constantes com incursões berberes, isso desde o período de Gordiano III, o qual acaba com a *Terceira Augusta*, legião que protegia o *limes* da parte ocidental africana⁶⁷. Ao observamos já no período que Teodósio I foi *Magister Militum*, ocorre o intento de parar as incursões dessas populações sobre tal região, fornecedora de trigo a península itálica, além de estratégica para o controle do mediterrâneo⁶⁸.

⁶³ Interessante notar que Genserico é considerado *Rex* de populações diferentes pelas fontes, Alanos e Vândalos. Esse ponto é decorrente possivelmente da anexação de populações remanescentes nos conflitos com os Visigodos.

⁶⁴ Um trabalho de Andreas Schwarcz concerne exatamente esse ponto abordado. SCHWARCZ, A. The Settlement of the Vandals in North Africa. In: MERRILS, A. H. (Ed.). *Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antique North Africa*. Aldershot, Eng., and Burlington, Vt.: Ashgate, 2004.

⁶⁵ Cf. LIEBESCHUETZ, W. Gens into Regnum: The Vandals. In: GOETZ, H.W., JARNUT, J.; POHL, W. (Eds.). *Regna and Gentes: the relationship between late antique and early medieval peoples and kingdoms in the transformation of Roman World*. Leiden-Boston: Brill, 2003.

⁶⁶ Sobre essa questão, são elencadas a autoridade de uma autoridade berbere para as áreas internas da África. BLACKHURST, A. The House of Nubel: Rebels or Players?. In: MERRILS, A. H. (Ed.). *Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antique North Africa*. Aldershot, Eng., and Burlington, Vt.: Ashgate, 2004.

⁶⁷ Concerne a um *Princeps* do período da *Anarquia militar*.

⁶⁸ GIBBON, E. *Declínio e queda do Império Romano*. Ed. abreviada. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005. Cap. 15 P. 507.

Posteriormente, temos o conflito entre Bonifácio, *Comes* da província de *África Protoconsular*, um dos mais importantes indivíduos na administração do império, e o *Magister Militum* Aécio, figura notória no universo romano do século V. Com a morte de Honório e usurpação de João, Bonifácio corta o fornecimento de grãos a península itálica, utilizando-se de poder militar ao voltar da península itálica⁶⁹. Seguido pela subida de Aécio ao seu cargo de chefe militar, João é derrotado e Gala Placídia volta ao controle imperial, indo contrariamente ao *Comes* por influência do *Magister Militum*. Bonifácio é acusado de traição ao Imperador, causando instabilidade política no Ocidente, ao qual ele busca apoio com os Vândalos Asdingos estabelecidos na *Bética* contra as tropas de Aécio, chamando-os para o norte de África. Como é apresentado por Procópio, Bonifácio consegue o apoio de Galla Placídia ao longo dessa movimentação Vândala, solicitando o retorno destes ao solo hispânico. O mesmo não ocorre, sendo parte do norte de África pilhado pelos bárbaros, em que *Hipona* tem o cerco mais duradouro, cerca de um ano⁷⁰. A possibilidade de passar pelo estreito de Gibraltar só esteve possível com o poderio marítimo que os Vândalos possuíam, por terem saqueado as baleares entre 412 e 428⁷¹, e, posteriormente, com o domínio das ilhas da *Sardenha* e *Córsega*, além de parte da *Sicília*. As tentativas de intervenção por parte do Imperador Romano Oriental Zenão nunca conseguiram vencer a perícia naval dos Vândalos com Genserico, o que determina ponto importante ao pensar o poder que esse *Rex* possuía⁷².

Ao considerar tais pontos das movimentações dessas populações sobre o mando de Genserico, temos que ter em vista que por causa dos problemas políticos que existiam entre Bonifácio e Aécio, além das pressões sempre presentes das populações berberes, pontos notórios a serem considerados na análise. Tanto por ser uma posição estratégica quanto por tais pressões políticas e locais, o avanço dos Vândalos não teve problemas, além da consolidação sobre a parte costeira, sendo que a parte interna da região entrou em domínio dos povos berberes já presentes no *limes*.

Assim, o estabelecimento Vândalo em norte de África indicou pontos de como se formatava o poder. Como Schwarcz aponta⁷³, ocorreram alguns acordos entre a autoridade Romana e Genserico, passando por três períodos para estabelecimento em tal região: de 428 a

⁶⁹ Idácio. Cronicon. 375

⁷⁰ Procópio. Guerra Vândala (Libro III). IV 12-15

⁷¹ Idácio. Cronicon. 405.

⁷² Houve derrotas, em especial ao *magister militum* Ricimero, impossibilitando conquista da *Sicília* e, posteriormente, a retirada Vândala da ilha. Verificar na nota 80, Procópio. Guerra Vândala (Libro III). VI, 4-25.

⁷³ SCHWARCZ, A. The settlement of the Vandals in North Africa. In: MERRILLS, A. H (Ed.). *Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antique North Africa*. Aldershot, Eng., and Burlington, Vt.: Ashgate, 2004.

435, a invasão e conquista militar, sobretudo da província da *Numídia*, segundo momento da condição de *Federados*, não entrando e na *África Protoconsular* entre 435 e 439, um terceiro como *Aliados*, depois da quebra de relações com Roma e invasão militar de Genserico de 442 até 455 no Saque de Roma. A passagem de *foederati* para autoridade considerada como legítima ocorreu pelo reconhecimento por parte do Imperador do Ocidente, Valentiniano III. Houve um processo de estabelecimento dos povos Vândalos nessa região de África, em que tais populações recebiam terras como suas posses, sobretudo membros da elite Asdinga⁷⁴. Com o desenvolvimento da aliança entre Genserico e Valentiniano III, temos o casamento de Hunerico, filho de Genserico, com Placídia, filha do Imperador ocidental com Eudoxia, o qual deve ser considerado como importante no entendimento desse poder ali fundamentado⁷⁵.

Porém, temos que considerar o ambiente norte-africano para pensar o estabelecimento dos Vândalos. Problemas religiosos foram presentes na localidade desde o fim do período do Imperador Diocleciano. A heresia donatista⁷⁶, juntamente com sua forma extrema, os circunceliões, já trouxeram problemas para o credo católico-niceno, ponto muito bem apontado com as obras do bispo de Hipona, Agostinho⁷⁷. Com os Vândalos e seu cristianismo ariano, houveram relatos depreciativos por parte de membros da Igreja sobre os mesmos, o que torna o trabalho do historiador problemático para desenvolvimento⁷⁸.

⁷⁴ Temos em consideração que a população Vândala é estimada em cerca de setenta mil pessoas, com mulheres e crianças. Assim, boa parte deles não eram guerreiros, mas parte de famílias. LIEBESCHUETZ, W. Gens into Regnum: The Vandals. In: GOETZ, H.W., JARNUT, J.; POHL, W. (Eds.). *Regna and Gentes: the relationship between late antique and early medieval peoples and kingdoms in the transformation of Roman World*. Leiden-Boston: Brill, 2003.

⁷⁵ Pretendemos desenvolver mais esse ponto no capítulo terceiro.

⁷⁶ Sobre heresias originárias do período Tetrarquico: FERNANDEZ HERNANDEZ, G. Osio de Córdoba y la persecución tetrárquica. In: PEREIRA, G. (Ed). *Actas del Primer Congreso Peninsular de Historia Antigua*. Santiago de Compostela: 1988, vol. III.

⁷⁷ Um dos pontos interessantes é que a cultura de norte de África, localidade do antigo inimigo de Roma, Cartago, qual possuía o costume de culto aos mortos, o que remontava a períodos muito anteriores ao fundamentação do império, e ainda constantes no século V. Agostinho de Hipona possui em sua obra crítica a tais pontos, juntamente com as heresias muito persistentes na região. Podemos ver tais em sua obra sobre o Livre arbítrio, em que a concepção pelagiana também é considerada dentro de quais questões. Para mais: BROWN, P. *Santo Agostinho: uma biografia*. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2005.

⁷⁸ A obra de Victor Vitensis é basilar acerca desse ponto. Bispo da província de *Bizacena*, escreveu a obra *Historia persecutionis Africanae Provinciae, temporibus Geiserici et Hunirici regum Wandalorum*. Tal visão acerca da perseguição aos cristãos católicos em África é bastante criticada pela historiografia atual. O período de domínio Vândalo é considerado péssimo devido a perseguição do credo católico/niceno, como aponta Vitensis. Temos que considerar que tais províncias possuíam problemas relativos a heresias desde principio do século IV, o que devermos relativizar sua veracidade histórica. Não apenas críticas no âmbito norte-africano, Idácio em sua crônica demonstra seu ponto de vista, denotando a apostasia da fé católica para a ariana. Idácio. *Cronicon*. 410-420.

Ao que concerne a fundamentação do poder de Genserico, temos como o Saque de Roma de 455, sua soberania marítima como notória no mediterrâneo. Com a morte de Valentiniano III, assassinado por Petrônio Maximus, Genserico envia tropas para Roma para retirar o usurpador, ocorrendo com o famoso saque de 455. Após o saque, a esposa e filha de Valentiniano III, Eudoxia e Placídia são enviadas para Constantinopla, sendo que Eudocia fica em Cartago para casamento com Hunerico. De tal união, surgiria Hilderico, *Rex* dos Vândalos de 523 a 530, figura chave para a conquista bizantina com Belisário no século VI. Com a morte de Petrônio Maximus, sobre ao poder Avito, que possuía apoio dos Visigodos, além do período de importância do *Magister Militum* Ricimer. Esse general de origem Sueva terá importância no comando das tropas Ocidentais, além de oposição ao poder Vândalo sobre o mediterrâneo, sobretudo na Sicília, sobre os imperadores Avito, Majoriano e Antêmio. Tal intento de romper o poderio Vândalo no mediterrâneo também esteve presente ao Império Romano do Oriente, quanto, em 468, tentam conquistar Trípoli, mas a frota é incendiada e destruída pelos Vândalos⁷⁹.

Temos, em Genserico, não apenas o estabelecimento populacional em norte de África, mas a consideração de seu poder como respeitável na esfera político-militar. Desde um momento relevante as movimentações, tanto por ser um personagem considerável na esfera militar e política⁸⁰.

Genserico, dentro de suas *gentes*, não buscou aliar-se com elites romanas locais, baseando seu poder em questões marítimas e entre as populações bárbaras que comandou desde a morte de seu irmão⁸¹. Nesse caso, seu sucessor e filho, Hunerico, não teve sucesso comparável ao seu pai, acarretado, principalmente, por essa falta de apoio com as populações

⁷⁹ MITRE, E. F. *Los germanos y las grandes invasiones*. Bilbao: Ediciones Moreton. p. 102 – 104. A vitória marítima de Genserico sobre as naus de Leão I, sobre o comando de Basilisco, é descrita em: Procópio. Guerra Vândala (Libro III). VI, 4-25.

⁸⁰ As formas de relações que Genserico possui politicamente são entendidas principalmente com suas relações com Valentiniano III e na ascensão de Antêmio. No caso desse, Genserico, ao pensar suas relações políticas, buscava a transferência do poder político para Olimbrio, que estava casada com Plácídia, filha de Valentiniano III. Procópio. Guerra Vândala (Libro III). VI 5-7

⁸¹ Importante apontar que a fundamentação social no mundo romano durante a Antiguidade Tardia estava relacionada ao patronato, em propriedades rurais da aristocracia romana, em que tinha seus colonos protegidos sobre tal indivíduo. Assim, como parte das *Lex* do período, os grandes proprietários não pagavam impostos, protegendo os trabalhadores que estavam sobre sua propriedade. Ao pensarmos tal perspectiva social, podemos entender o motivo que os Vândalos não tiveram apoio das elites, tanto por não utilizarem dos aparatos administrativos romanos, quanto por concederem terras a populações Vândalas. Sobre o social na Antiguidade Tardia: FRIGUETTO, R. Estruturas Sociais na Antiguidade Tardia Ocidental (séculos IV/VIII). In: Gilvan Ventura da Silva; Norma Musco Mendes. (Org.). *Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro/Vitória: Mauad X/Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2006. pp. 223-240. O mesmo também é pontado por LOT no capítulo XII de sua obra. LOT, F. *O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1968. PP. 382. 387.

locais e fragmentação do centralismo político que Genserico possuía. Indicando a impossibilidade de continuidade no estabelecimento de tal possibilidade de poder, colocando Hunerico em uma posição de dúvida frente às concepções políticas. Assim, seu ímpeto baseava-se em um centralismo de poder muito constante em seu indivíduo, fator muito parecido com o caso huno, o qual Átila consistia em ser o supremo soberano⁸².

Desse modo, não houveram *codex* de leis vândalas, tentativas de aliança com o credo católico-niceno, aparato burocrático-administrativo relevante para a constituição de um *Regnum*. A noção de *Regnum* é entendida, aqui, como base para construções de reinos consolidados no século VI. Diferentemente do caso vândalo, os visigodos constituíram um *codex* de leis posteriormente a consolidação na *Aquitânia*. A autonomia Visigoda, com o passar do processo temporal, saiu, primeiramente, do estado de *foederati* e conseguindo autonomia frente ao Império Romano Ocidental. A busca por legitimidade do Imperador ocidental e apoio dos poderes locais demonstra-se, de forma absoluta, na *Batalha dos Campos Cataláunicos*, ponto em que Genserico e seus Vândalos não participam diretamente.

Percebemos que os motivos de tal diferenciação na nomenclatura são primordiais. O funcionamento das elites nobiliárquicas está diretamente focado em seu poder e autoridade sobre determinadas populações, o que torna muito diferente a linha Silinga para a Asdinga. Além de diferentes localizações (a primeira é colocada na *Silésia*, enquanto a segunda da fronteira da *Dácia*), seu funcionamento ocorria de forma independente, possuindo diferentes linhagens nobiliárquicas como formadoras de uma identidade específica. Porém, qual o motivo de mesma nomenclatura inicial? É uma questão complicada, possivelmente devido às migrações que ocorreram no século I da Escandinávia para a Germânia possuíam uma mesma ligação étnica, dividindo-se com o processo temporal⁸³.

⁸² Ponto que será discorrido ao longo do capítulo terceiro.

⁸³ Cf. POHL, W. The Vandals: Fragments of a Narrative. In: MERRILS, A. H (Ed.). *Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antique North Africa*. Aldershot, Eng., and Burlington, Vt.: Ashgate, 2004.

4 DISCUSSÕES HISTORIOGRÁFICAS

Antes de utilizarmos de uma análise de fontes diretas no capítulo terceiro, devemos apontar alguns conceitos primos para fundamentação de análise sobre as fontes e o contexto específico. Assim, pretendemos discutir três conceitos básicos para fundamentação desse trabalho: *Identidade*, *Etnogênese* e *Traditionskern*. Todos são pontos discutidos pela historiografia em estado de arte sobre as movimentações bárbaras, os quais discorreremos criticamente para melhor entendimento do assunto aqui em pauta.

No caso da *Antiguidade Tardia*, entendemos que conceitos e vocábulos utilizados pelas fontes podem ter significados diferentes, referentes a uma nova perspectiva do período com a atualização historiográfica. Assim, examinar as fontes torna-se algo complexo, decorrente de diversas análises e formação de interpretações. Tentando localizar os embates historiográficos, mesmo de forma substancial, podemos apontar duas linhas basilares para o desenvolvimento de trabalhos: a Universidade de Viena, tendo vínculos estreitos com uma herança alemã na teoria da história e historiografia; e a Universidade de Toronto que aponta a interpretações questionadoras de determinadas perspectivas elencadas pela historiografia clássica e de língua alemã. Além de tais simplificações frente complexidade do assunto, pesquisadores fora de vínculos estão presentes ao longo do mundo, principalmente Europa e Estados Unidos: caso de Gillett, Kulikowski, Woods, Heather, Diaz Martinez, Garcia Moreno, entre outros.⁸⁴

4.1 IDENTIDADE E *TRADITIONSKERN*

Identidade é um conceito altamente importante em várias áreas do conhecimento humano, pois é constante em quase todos os tipos de sociedades humanas existentes. No caso aqui discutido, não vamos pensar em pontos mais gerais utilizados na disciplina histórica, mas como os autores da historiografia discorrem sobre, e como podemos utilizar dentro da análise aqui sugerida. Juntamente com a concepção de Identidade, temos a noção de *Traditionskern*, altamente relevante para a historiografia de língua alemã, em que ambas não se excluem, mas se complementam.

O historiador mais importante na constituição de uma interpretação problemática considerada como basilar à “Escola de Viena” concerne a Reinhard Wenskus. Wenskus

⁸⁴ Caso interesse, verificar as referências bibliográficas presentes neste.

aponta em sua obra, sobretudo em *Stammesbildung und Verfassung: Das Werden der frühmittelalterlichen gentes*, a conceitualização dos respectivos termos: *Etnogênese* (*Stammesbildung*), *Etnografia e Traditionskern*. Em síntese, o autor apresenta a “etnogenidade” como transmissora de tradições étnicas na formação de uma identidade em uma população ⁸⁵. Sua interpretação concerne em como a formação étnica e política utilizam-se em elites nobres como formadoras de uma identidade, uma única *Gens* frente às diversas *Gentes* ⁸⁶.

Wenkus constrói sua concepção de identidade formatada na caracterização territorial, em elites nobiliárquicas, na tradição destas, denotando uma concepção biológica de populações ⁸⁷. Tal perspectiva indicou a consolidação de um paradigma dentro da historiografia, por ser uma teoria conceitual amplamente desenvolvida em língua alemã, além de amplamente discutidas e aplicadas na análise histórica. Ele foi um dos pesquisadores que formataram a ideia geral de *Etnogênese*, indicando propostas de como certas populações surgiram, muitas vezes apontando características Germânicas provenientes da Idade do Ferro em tal função ⁸⁸. A perspectiva identitária de Wenskus dimana na noção de *Traditionskern* ⁸⁹,

⁸⁵ Nesse caso, identidade tem uma conotação mais ampla, além de simples manifestação de traços culturais, mas representação política/social, referenciando uma população. C.f. POHL, W. *Ethnicity, Theory, and Tradition: A Response*. In: GILLETT, A. (Ed). *On Barbarian Identity; Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2002.

⁸⁶ *Gens* e *Gentes* são conceitos básicos e constantes ao longo de fontes no Império Romano. *Gens* possui o significado de família ou população. Refere-se a um fenômeno muito importante na constituição de político/social da Antiguidade Tardia, os vínculos que pessoas possuíam no desenvolvimento de um clã ou grupo nobiliárquico. Possui outra explicação por ser utilizado desde a época da República Romana e Principado para considerar específicas famílias influentes de Roma. *Gentes* é aplicado por historiógrafos romanos sobre as populações bárbaras, consideradas como múltiplas em vez de unas, diferenciando qual falavam sobre outros povos. Wolfram aponta que *Gens* refere a uma comunidade com origem biológica comum, sendo *Gentes* uma perspectiva da mistura de diversas etnias, em caráter polissêmico. (Cf. WOLFRAM. P.5). Tais termos serão desenvolvidos melhor no capítulo terceiro.

⁸⁷ Já que não existem traduções dos originais em língua alemã, a obra de Wenskus é problemática para fazer análises, devido principalmente ao acesso longe de núcleos especializados. Assim, as proposições apresentadas aqui remetem, essencialmente, aos trabalhos de Walter Pohl em *Ethnicity, Theory, and Tradition: A Response e Strategies of Distinction. The construction of Ethnic Communities, 300-800*; juntamente com outras perspectivas apresentadas por Gillett e Bowlus.

⁸⁸ C.f. BOWLUS. B. *Ethnogenesis: The Tyranny of a Concept*. In: GILLETT, A. (Ed). *On Barbarian Identity; Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2002. P. 243.

⁸⁹ Gillett define a origem da concepção: “This theory of the origins of ethnic groups (ethnogenesis) centers on the concept of a binding core of tradition (*Traditionskern*) either embodied in an aristocratic elite which 'bears' the group's identity-giving traditions, or transmitted by less tangible 'ethnic discourses'. The theory is essentially philological (in the original sense of the word) in approach but framed with reference to contemporary thought in the social sciences. *Traditionskern* theory posits the replication of group identity through the subscription by members to a mythic narrative of the group's past (the 'core of tradition'), focused on the divine descent of its rulers.” (GILLETT, 2002)

a nobreza como um núcleo de tradição, formadora de uma identidade étnica frente às hordas de guerreiros de diversas origens. Não delineando, assim, uma heterogeneidade identitária presente nessas *Gentes* ou a tentativa de identificação dos mesmos através de características étnicas, mas pela especificidade de uma *Gens* específica.

Importante apontarmos a noção militar como ponto chave para a concepção de *Etnogênese e Identidade* de Wenskus, já que resulta na ideia de *Traditionskern* na perspectiva de legitimação de tais guerreiros não apenas por um passado mítico, mas pela vitória em batalha⁹⁰. Referente ao contexto de formação de sua obra remonta-nos ao Nacionalismo de meados do século XX, relevando noções enquadradas com o recorte temporal, social e político em que o pesquisador estava inserido⁹¹. Em si, Wenskus ajudou a popularizar os termos *Gens* e *Traditionskern*, resultando em diferentes interpretações de sua obra por parte de historiadores atuais⁹².

Logicamente, tais interpretações desenvolvidas por Wenskus, e que posteriormente seriam consideradas por Wolfram e Pohl, mesmo com diferenciações, possuem implicações pesadas sobre as explicações do passado. Como aponta Ginzburg em seu capítulo *Mitologia Germânica e Nazismo: sobre um velho livro de Georges Dumézil*,⁹³ temos alguns pontos para pensar fora dos embates historiográficos tradicionais dessa área do conhecimento. O italiano ao analisar a obra de Georges Dumézil, em especial ao caso do *Berserkir*, na obra *Mythes et dieux des Germains*, como o fora do padrão tradicional da mitologia, indica como o mesmo torna-se a idealização do guerreiro para a fundamentação do presente, no período nazista, dentro de uma perspectiva de legitimidade⁹⁴. Ao longo do capítulo, Ginzburg apresenta como

⁹⁰ “Vitória militar” releva ao próprio conceito romano de *Vitória*, além de representação religiosa. No caso dos povos bárbaros, sua origem militar e desenvolvimento político, a *Vitória* representava o objetivo de tais populações em sua constituição social e política.

⁹¹ Como apontado por Gillett, o desenvolvimento de teorias etnográficas, resultante nos conceitos de *Etnogênese* e *Traditionskern* é decorrente do avanço do Nacionalismo. Em oposição, houve a criação de uma antropologia “instrumentalista” nos Estados Unidos pelos anos 1950 que possuía como objetivo identificar a “etnicidade” de forma social e culturalmente construída. Wenskus é identificado, muitas vezes, como um racista.

⁹² Esse ponto é bastante problemático, pois dependente a interpretação de sua obra há discordâncias na legitimação de pontos específicos frente a *Etnogênese/Etnologia* e o *Gens*. Murray considera Wenskus como uma interpretação ideológica para a “*Teoria da Etnogênese*”, mas não biologicista apenas.

⁹³ GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e historia*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989. PP. 181-206.

⁹⁴ “Os *berserkir*, com efeito, são 'jovens'; eles assumem na vida das sociedades germânicas essa função de fantasia, tumulto e violência não menos necessária, ao equilíbrio coletivo do que a função conservadora (ordem, tradição, respeito aos tabus) que assumem os homens maduros e, eventualmente, os velhos. (...) As considerações anteriores talvez expliquem em parte certos fenômenos sociais, entre os mais recentes, da Alemanha: o desenvolvimento, o sucesso dos corpos paramilitares, a *dura virtus* e os direitos das Divisões de

é proposto por Lily Weiser e Höfler, teóricos proveniente da língua alemã no período Nazista, buscando um passado mítico do *Berserkir* (caso de Weiser com as “sociedades masculinas”) para o soldado do presente, as quais considerações necessitam por passar em crítica pelo pesquisador do presente, nas implicações que o passado condiz sobre o mesmo.

Mesmo com as críticas de Bloch e Dumézil⁹⁵ sobre algumas considerações que foram colocadas na obra de Höfler, várias conceitos possuem interesse para pensarmos como consolidou o poder entre as populações bárbaras. Um passado mítico, de guerreiros de uma linhagem específica como *Rex* teve suas constâncias nas interpretações de Tácito em sua *Germânia*⁹⁶. Mesmo que seja apontado pelo historiógrafo romano, temos que examinar que o mesmo estava implicado nas considerações básicas de poder constituídas por pensadores clássicos, caso de Aristóteles em *Política*⁹⁷. Pensando de forma que os conceitos mudam seu significado ao longo de seu desenvolvimento, devemos entender quer Wenskus, posteriormente, utilizou-se de determinados pontos sobre a concepção de *Berserkir* na fundamentação de suas concepções de poder. Em um contexto diferente, sua análise está longe de uma perspectiva ideológica, mas biologicista, decorrente com a perspectiva histórica

Assalto, as formas particulares de polícia que uma juventude uniformizada por vezes sentiu-se tentada a exercer." (DUMÉZIL, 1939, *apud* GINZBURG, 1989. P.186).

Como parte de uma análise do presente, Ginzburg aponta que Dumézil entendia o presente guerreiro utilizado pela propaganda da Alemanha nazista. O autor italiano indica as características do discurso de Dumézil, tanto em forma descritiva quanto normativo, o que implica críticas sobre a análise do francês.

⁹⁵ Ginzburg aponta que a crítica de Bloch sobre a perspectiva de Dumézil tinha um caráter "embaraçoso", na *Revue Historique 188* considerando o interesse daquele na relação do *Berserkir* com o presente nas relações políticas da Alemanha, mesmo sendo apresentado a superficialidade de tal relação frente os instrumentos de propaganda na conclusão de *Mythes et dieux des Germains*. O entendimento da obra dele condiz com as resenhas, as quais teriam características diversas, apresentando a obra sempre de forma diferente. (Cf. GINZBURG, 1989. 188-189).

Bloch ao conhecer tais obras de forma fundamental para desenvolver *Os reis taumaturgos*, em especial *as origens do poder curativo dos reis: a realeza sagrada nos primeiros séculos da Idade Media*, em que Bloch buscava pontos para a origem da concepção da Realeza Sagrada.

⁹⁶ Já que o caráter historiógrafo da obra de Tácito condiz a determinadas interpretações no âmbito etnográfico como já apontado no primeiro capítulo. Sobre Höfler, Ginzburg aponta que sua noção de *Berserkir* está altamente relacionada com as noções de raça desenvolvidas durante o período de construção de sua obra. Pensar pontos relacionados a biologia podem ocasionar questões ideológicas, o que é relativo as discussões historiografias aqui apontadas.

⁹⁷ Aristóteles aponta em sua *Política*, em especial no Livro III *Dos Governos*, os critérios de Justiça e número, além dos critérios. Posteriormente em seis tipos de governos: Monarquia, Aristocracia, “República”, Oligarquia, Tirania e Democracia. Em si, tais pontos são muito importantes no desenvolvimento de interpretações políticas no período antigo e posteriormente medieval, o que pensamos ao longe de obras de autores neste trabalho, sobretudo, gregos.

de seu período, porém o acesso a sua obra é bastante restrito, colocando em questão a veracidade interpretativa⁹⁸.

Considerando nessa tradição historiográfica de língua alemã, temos a obra *Die Goten*⁹⁹ de Herwig Wolfram, a qual representa uma noção de *Etnogênese* e Identidade similar a de Wenskus, porém mais aceita no cenário historiográfico, delimitando linhagens nobiliárquicas e, conseqüentemente, como formadoras de identidade. *Traditionskern* é um conceito muito importante para a Wolfram, já que a noção de identidade relaciona-se com as linhagens nobres e autoridade sobre uma população específica, o que ele desenvolveu muito bem em sua análise sobre os Godos. Porém, atualmente, é muito criticada por determinados núcleos acadêmicos, sendo acusada de “densamente elitista e enraizada em tradição autoritária”, em especial por historiadores de Toronto¹⁰⁰.

Porém, são evidentes os arquétipos interpretativos sobre perspectivas de autores ao longo dos embates historiográficos, diminuindo a problemática dos conteúdos apresentadas em obras. No caso de Wenskus e Wolfram não difere, a aplicabilidade de suas interpretações restringe-se ao tipo de metodologia e concepções de historiadores atuais nesses campos, o que possui generalizações expressivas sobre seus trabalhos. Wolfram é muito mais lembrado pela aplicabilidade contextual de sua obra, na perspectiva de *Traditionskern*, do que um pesquisador problemático na formação historiográfica, o que reduz muito sua obra. Além de um levantamento bibliográfico na introdução de seu livro *Die Goten*, apontando que aplicabilidade de estudos filológicos e historiográficos sobre os povos bárbaros estão relacionados, respectivamente, com o Romantismo Francês e os Historicismo Alemão¹⁰¹. O autor denota que essas perspectivas interpretativas utilizavam-se do conceito de *Gens* na legitimação de ideias biologicistas, a busca por uma vitalidade Germânica em um remoto passado tribal dos povos bárbaros, os quais formaram as identidades nacionais modernas. O exercício da crítica por Wolfram não é apenas rejeitar interpretações, mas utilizar de concepções validas para sua análise metodológica¹⁰². Porém, a unidade e constituição de

⁹⁸ Cf. POHL, W. Ethnicity, Theory, and Tradition: A Response. In: GILLET, A. (Ed). *On Barbarian Identity; Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2002.

⁹⁹ Obra lançada inicialmente em 1979 em Alemão sobre o título *Die Goten und ihre Geschichte*, sendo disponível com uma tradução em inglês desde 1988, sobre o nome *History of the Goths*.

¹⁰⁰ Alexander Murray aponta como uma concepção enraizada na historiografia alemã, desde tempos anteriores a Wenskus com a “lordship theory”, o que resultaria na homogeneização das *Gentes* e formação da Teoria da *Traditionskern*. (Cf. MURRAY; 2002)

¹⁰¹ Wolfram aponta o trabalho filológico de Johann Christoph Gottsched e a importância de Michael Schmidt na constituição da *migratio gentium* em consonância com o *Volkerwanderung*.

¹⁰² “Words such as *gens*, *genus*/γένος, *genealogia*, and *natio*, refer to a community of biological descent. The tribal sagas, however, equate *people* with *army* and thus remain true historical reality. In addition, the sources attest the

características comuns entre indivíduos de diferentes ascendências implica ao exército, ao combate sobre a autoridade de líder, uma nobreza nobiliárquica específica, no comando bélico. Assim, o conceito de *Traditionskern* torna-se referencial em sua obra.

De uma concepção identitária formatada pela *Traditionskern*, o fenômeno da Etnogênese é constante pela análise desses autores, pois as várias populações em movimentações estariam se relacionando em si, compactuando com pessoas diferentes sobre a mesma identidade nobre e guerreira. Esse ponto é considerado problemático e discutido pela historiografia atual, caso discorrido no próximo item.

4.2 DEBATES ATUAIS

Walter Pohl é um dos historiadores que concerne aos embates atuais dentro da historiografia, em especial como representante da “Escola de Viena”. No caso do conceito de *Traditionskern*, ele utiliza-o, porém seu uso restringe-se a uma concepção específica, a problematização do mesmo na aplicabilidade em análise de fontes. Sua perspectiva está na diferente conotação do conceito, devido, sobretudo, as críticas de que a perspectiva seria externa a própria análise das fontes, algo construído como ideologicamente, além de atualizações dentro dos estudos etnográficos e o poder na Antiguidade Tardia.

Na concepção de Pohl, o conceito de *Etnogênese* é flexível, pensando a transmissão de características étnicas de forma espontânea com o contato de populações com outras. O núcleo étnico, formador de uma identidade pautada na nobreza, aponta-nos a fragilidade na raiz identitária, pois o tronco familiar, muitas vezes, não possuiria mais de três ou quatro gerações. Assim, a formação de uma tradição identitária representaria uma construção necessária à legitimidade de uma linhagem de poder a qual estaria muito mais ligado as ações de poder dos *Rex*¹⁰³. Como apontado por Wolfram, a legitimidade de uma determinada família nobre pautava-se em cultos de Heróis e Deuses em uma remota origem, mesmo não havendo provas de tais afirmações.

polyethnic character of *gentes*. These *gentes* never comprise all potential members of a *gens* but instead always mixed. Therefore their formation is not a matter of common descent but one of political decision. Initially this implies not much more than the ability to unite and keep together the multitribal groups that make up any barbarian army.” (WOLFRAM, 1990)

¹⁰³ C.f. POHL, W; REIMITZ, H. *Strategies of Distinction*. The construction of Ethnic Communities, 300-800. Leiden-Boston-Köln: Brill, 1997.

Modificações nessas sociedades foram significativas desde as denominadas “migrações” (*Völkerwanderung*) da Escandinávia aos assentamentos posteriores, saindo de constituições tribais políticas/sociais bastante simples para poderes complexos pautados em certas famílias nobres. Em si, a apropriação de nominativos étnicos estavam muito mais relacionados a designações genéricas proposta pelos Romanos do que indicando de forma complacente a heterogeneidade das populações “bárbaras”, decorrente do processo de *etnogênese*. Devemos notar que a *Etnografia* é um conhecimento Romano e Grego, uma *interpretatio romana*, e como recorrente do trabalho do historiador, a parcialidade é notória em uma análise específica, na dificuldade de uso de fontes restritas e limitadas a interpretações romanas¹⁰⁴. Desse modo, a *origo gentes* torna-se o modo, a busca, do tipo de concepção para fundamentar um tipo de população, sua história, através de uma construção romana de história¹⁰⁵.

O uso metodológico de fontes e estudos antropológicos, por exemplo, estão no centro dessa problemática do cenário historiográfico. Pohl utiliza-se de Bourdieu e Fredrik Barth em diversas análises, o que coloca diferentes noções etnográficas apontadas por Wenskus. Murray aponta Pohl como um continuador de uma perspectiva desse historiador austríaco em conjunto com Wolfram, o qual não produziria nenhuma nova abordagem metodológica.

Pohl, na utilização de *Traditionskern*, aponta a mudança recorrente que o conceito apresentou juntamente com o desenvolvimento de uma historiografia. Mesmo sendo aplicado por autores, relacionados com o regime Nazista em Alemanha e Áustria, ou pelo menos aquisição desses regimes políticos de ideias apresentadas por eles, a aplicabilidade de um conceito muda frente ao exercício da crítica. Interessante notarmos como o autor refere ao trabalho de Otto Höfler na admissão de uma perspectiva ideológica do conceito de *Traditionskern*, demonstrando-o elitista e tendo origens no autoritarismo. A obra de Höfler é nitidamente relacionada com a concepção Nacional Socialista Alemã, dentro do projeto

¹⁰⁴ A problemática das fontes é bastante apontada nesse âmbito específico do conhecimento acadêmico. Kulikowski e Wolfram apontam esse problema no capítulo *M. Nation versus Army: A Necessary Contrast?* No livro organizado por Gillett. Momigliano aponta alguns pontos interessantes sobre a perspectiva grega sobre os bárbaros, ponto que demonstra similaridade com o caso romano, segue: “Tan absorta estaba Masalia em su esfuerzo por continuar siendo griega – y aristocrática - que, a todas luces, nunca organizó alguna exploración por el interior de Galia, y nunca transmitió algún conocimiento preciso de las instituciones y costumbres celtas a otros griegos.” MOMIGLIANO, Arnaldo. *La sabiduría de los barbaros: los limites de la helenizacion*. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Economica, 1999. P.97

¹⁰⁵ Temos uma aporia se observamos como foram fundamentadas as noções sobre relações entre povos bárbaros e Romanos. Por mais que existissem relações entre o mundo bárbaro e romano, determinados setores da sociedade romana não aceitavam o ingresso de tais populações em território romano. Sobretudo, temos a elite senatorial, que foi perdendo seu poder ao longo do tempo, tornando-se magistraturas administrativas. A concepção de obras, pensando na crítica de fontes,

cultural *Ahnenerbe*¹⁰⁶, na busca pelas origens dos mitos e autenticidade deles para a formação da nação alemã. Porém, Pohl aponta algumas características que Wenskus utilizaria pautado em tal historiador austríaco, porém, submetendo a crítica de ideias. Em si, análise torna-se muito complexa, já que diversos fatores e conceitos são analisados quando dentro de perspectivas específicas¹⁰⁷.

A decorrente distinção dos conceitos proposta por Pohl frente as críticas de historiadores da “Escola de Toronto” dispõem como ocorrem as discussões historiografias sobre o respectivo tema atualmente.

Diferentemente de uma proposta oferecida com a “Escola de Viena”, temos algumas linhas interpretativas diferentes, caso de Toronto. No caso desta, temos Walter Goffart com a obra *The Narrators of Barbarian History* como importante nos estudos sobre os estudos tardo-antigos. A perspectiva de Goffart, além de indivíduos que compactuam com ele (caso de Murray, por exemplo), estão nas relevâncias com diferentes conceitos antropológicos, relevando a crítica a perspectivas “ideologias/biolocistas” provenientes de Viena, apontando para noções culturais/sociais, interações de poder etc. A obra crítica ao conceito de *Traditionskern* estende-se ao considerar Wolfram um continuador de uma historiografia anterior a Wenskus, em uma legitimação ideológica já presente na historiografia de língua alemã. Outro argumento é elencado por ser uma teoria externa a análise das fontes, não problematizando de forma complacente para considerar hipóteses na construção de interpretações sobre o contexto histórico do período.

Ao que tange o trabalho de historiador de Goffart, ele apresenta uma análise de fontes diferenciada, por entrar muito em estudos que referenciam obras narrativas, como Jordanes, Beda e Paulo diácono, questionando sua veracidade¹⁰⁸. O caso de tais narrativas é o que elenca um passado mítico na constituição de etnias, mas sua consideração é que pensar a *Traditionskern* seria algo desarticulado com o contido na fonte em si, pois não proviriam tantas articulações para a formação de uma teoria tão bem construída. Para o autor, os elementos de origem nas narrativas são isolados apenas como legitimador de uma origem, na

¹⁰⁶ “To assume that the Germanic past had any bearing on these people means sharing the ideological assumption of the Germanic character of the early medieval kingdoms first proposed by scholars such as Otto Höfler in Nazi Germany. Moreover, a possibly royal *Traditionskern* as an agent of ethnicity is a deeply elitist concept rooted in an authoritarian ideology.” (POHL, 2002)

¹⁰⁷ O acesso e análise da Obra de Höfler é bastante problemática, assim utilizamos a perspectiva de Pohl na referente análise. C. f. POHL, W. Ethnicity, Theory, and Tradition: A Response. In: GILLET, A. (Ed). *On Barbarian Identity; Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2002.

¹⁰⁸ Lembramos que Jordanes é considerada uma fonte muito problemática por ser um tipo de compilação que o autor fez sobre os textos perdidos de Cassiodoro.

formação de narrativas de tais povos, o qual não considera fontes orais como legítimas, pensando de forma, muitas vezes, “desconstrutiva” as fontes.

Na continuidade de críticas feitas por Goffart, Murray considera que o conceito polissêmico de *etnogênese* de Wenskus é baseado na ideia de origem da cultura germânica legitimada e sacralizada pelos mitos, nomes, ritos e genealogia¹⁰⁹. O modo que Wenskus teria como fundamento em uma antropologia do século XIX fez Murray entender alguns pontos como relevantes na continuidade do austríaco em uma historiografia anterior¹¹⁰. Em uma contenta atual, Murray considera que Pohl não acrescenta nada nas interpretações de Wenskus, por ser um pesquisador que continua com a defesa deste e apresentar um conceito de *Traditionskern* próximo.

Como crítica a esses historiadores, Pohl aponta que o entendimento deles sobre a historiografia alemã está mais ligado a reflexões políticas que sobre o período histórico das fontes. Na consideração contrária a uma teoria de forma crítica, sem pensar as mudanças nas noções conceituais, sempre legitimando o discurso contrário a uma teoria através de pensamentos políticos¹¹¹. Murray ignoraria vários casos apresentados nas fontes, em especial o uso de simbologia romana, possibilidade de legitimação por mitos, interesses na origem desses povos, etc. Pohl diferencia Höfler de Wenskus através de conceitos diferentes por cada autor, como na consolidação de poder em suas formas iniciais. Como Goffart e nem Murray apontam o uso de fontes orais, Pohl denota a fragilidade das críticas não apenas frente o

¹⁰⁹ “He (Wenskus) is not particularly sympathetic to Roman influence where questions of Germanic initiative, identity, and continuity are at stake. His book however is not principally about ethnic developments in the successor kingdoms but about processes which he argues were under way long before the encounter with Rome, never mind the creation of kingdoms in the western provinces. The image of the patient, elevating efforts of Roman genius (as espoused at n. 24 below) does not really fit his views. Wenskus still lays the foundation for most of what Pohl says in *Strategies of Distinction* (as at n. 1).” (MURRAY, 2002)

¹¹⁰ “Wenskus was no innovator as far as biological interpretations of early European history were concerned. A general historiographical perspective suggests different reasons for the popularity of his ideas. It is correct, I think, to point out that Wenskus's work came at the end of an historiographical development, not the beginning, encapsulating and systematizing half a century of scholarly revisionism in the areas of ethnology and Germanic antiquity. The work he produced is massive, drawing-often eclectically on philology, prehistory (archaeology), history, and social science; historians who know of it only by reputation may be surprised to learn that it begins with the palaeolithic.” (MURRAY, 2002)

¹¹¹ “Murray happily ignores all this to put me back in line; his verdict has been clear from the start. In the language of myth, Otto Hofler went out to Germany where he met a monster, Heinrich Himmler, and then he begat Reinhard Wenskus, who begot Herwig Wolfram, who begot Walter Pohl. Apart from this one, I do not at all object to a reconstruction of scientific genealogies. No doubt the study of early medieval ethnicity is one of the fields that has always been most pervaded by ideology and partisan scholarship.” (POHL, 2002)

desconhecimento dos autores, mas a não análise própria das fontes e implicações contextuais
112

Traditionskern, assim como as discussões sobre identidade, etnografia e etnogênese, estão implicadas de forma constante para pensar o período da Tardo-antigo e suas indagações são notórios. Ao pensarmos tais ideias, estamos cientes que podem ter fatores sobre os usos do passado e as conotações ali propostas. Assim, não focalizamos em observar tais trabalhos historiográficos apenas, mas outros que teriam suma importância em aporias e embates acadêmicos.

Entre outros historiadores que produzem pesquisas sobre tais pontos, temos Gillett. Ele denota para o desenvolvimento de sua pesquisa por um viés alternativo, entendendo que o uso do conceito de *Traditionskern* somente, ou fazer críticas desenfreadas, não são soluções para uma maior compreensão do período em pauta, mas analisar as fontes entendendo as sutilezas com documentos menores sobre narrativas basilares seriam mais importantes ao estudo de tal conjuntura. Gillett é um pesquisador que aceita certas críticas apresentadas por Murray, principalmente ao que concerne a etnografia, mas admite alguns pontos de Viena, não desconsiderando que é possível fundamentar a concepção de *Traditionskern* e *Identidade* com fontes menores. Em suma, seu foco são as fontes e problemática¹¹³.

No âmbito da historiografia espanhola, Garcia Moreno aparece como um dos que assinala o conceito de etnogênese. Ao observar as relações entre aristocracias que formariam os grupos populacionais bárbaros, Moreno denota que a etnogênese se realizariam com as estruturas e pautas oferecidas pelas aristocracias e realezas militares (*heerkönigtum*), demonstrando uma concepção muito mais aristocrática sobre as relações de poder, identidade e etnogênese, o que difere massivamente da perspectiva de Toronto e relacionando-se positivamente com Viena¹¹⁴. Interessante notarmos que tais noções são presentes na historiografia espanhola, tendo influências tanto por historiadores clássicos quanto de Wolfram ao utilizar os pontos das elites políticas e militares como pauta de análises.

¹¹² “Where more recent contributions have been taken into account, the main interest seems less to debate current views in their context, than to look for single statements that one could then expose as proof that the author is a die-hard, 1940s-style Germanophile. Typical of this method is how Murray picks, out of a fifty-four-page paper, a single sentence about the origin myth of the Lombards to conclude that my whole argument is based on the concepts of nineteenth-century *germanische Altertumskunde*.” (POHL, 2002)

¹¹³ Cf. GILLETT, A. Introduction: Ethnicity, History, and Methodology. In: GILLETT, A. (Ed). *On Barbarian Identity; Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2002.

¹¹⁴ Cf. GARCIA MORENO, L. A. *España Visigoda. Las invasiones. Las sociedades. La Iglesia (Historia de España R. Menéndez Pidal, III, 1)*. Madrid, 1991.

Kulikowski, o qual apresenta ideias diferentes a esse tipo de método, evitando um tipo “Ceticismo Epistemológico” ou até mesmo uma problematização historiográfica maior, mas que seria possível estudar os povos bárbaros de forma ativa pelas fontes escritas, interpretativamente¹¹⁵. Tal pesquisador considera que muitas discussões sobre tais conceitos tiram a importância que a própria análise das fontes teriam¹¹⁶, pois devido a poucos recursos, uma teoria maior não possui legitimidade como explicativa, nem fundamentação.

¹¹⁵ KULIKOWSKI, M. nation versus Army: a Necessary Contrast?. In: GILLETT, A. (Ed). *On Barbarian Identity; Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2002.

¹¹⁶ “though our sources distort barbarian reality, we can get behind their words to discover what barbarian collectivities were really like.” (KULIKOWSKI, 2002).

5 ANÁLISE DE FONTES

Após as considerações sobre o desenvolvimento historiográfico, proporcionar interpretações sobre o referente contexto e considerações necessita, inevitavelmente, de análise *prima* de fontes do período. O maior problema que se encontra na natureza de escritos do período, sobretudo quando discutimos sobre os Vândalos, em que não existem fontes diretas de indivíduos do ambiente de norte de África¹¹⁷. Assim, os relatos são indiretos e, na maioria das vezes problemáticas, devido a natureza que eles possuem. São três fontes em especial: Procópio de Cesareia, Idácio de Chaves e Prospero de Aquitânia. Como comparação e maior entendimento dessas, utilizamos Anônimo Valesiano II, Victor de Tunis e Tácito.

5.1 NATUREZA DAS FONTES

Procópio de Cesareia com sua *A História das Guerras livro III e IV* é a primeira fonte a ser descrita e considera mais importante nesse trabalho. Concerne a uma *História* (*ἱστορία*)¹¹⁸ escrita em grego em diferenciação as outras fontes originais na língua latina, sendo um dos motivos para tal escolha como relevante. O gênero *História* concerne a uma concepção de escrita na antiguidade que tende a desenvolver os acontecimentos de forma que possuem provas de sua ocorrência. Procópio escreve no século VI, em tempos de Justiniano como *Imperador* (*βασιλεύς*) do *Império Bizantino*¹¹⁹, além de estar sobre sua influência política/institucional, já que era funcionário da corte deste. Como parte de um entendimento contextual sobre o assunto, sabemos que Justiniano formatou um plano de conquista de territórios sobre influências de reinos romano/bárbaros e determinadas outras autoridades. O

¹¹⁷ As poucas obras que sobraram que são provenientes do ambiente Vândalo são poemas. Tais poemas não possuem interesse no tipo de análise que proferimos nesse trabalho. Caso interesse observar em: GEORGE, J. W. Vandal Poets in their Context. In: MERRILLS, A. H (Ed.). *Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antique North Africa*. Aldershot, Eng., and Burlington, Vt.: Ashgate, 2004.

¹¹⁸ O conceito de *ἱστορία* é próprio do ambiente grego clássico, como diferenciação aos mitos das narrativas épicas de Homero e Hesíodo ao que “realmente teria ocorrido” nas palavras de Aristóteles e Tucídides. (*Poética*, *História da Guerra do Peloponeso*). Dentro da *Antiguidade Tardia*, existem três tipos principais de obras que possuem relevância dentro do âmbito historiográfico, a *História* (como dito anteriormente, tem relação direta com o contexto Grego, no desenvolvimento da *Comunidade Política*), a *Crônica* (a qual possui a característica de Breviário, resumos da *História*, não compreendendo o conceito de forma completa, mas certa diminuição do mesmo) e a *História Eclesiástica* (narração da comunidade da Igreja, dentro da fé de Católica/Nicéia).

¹¹⁹ Não coloco o termo *Império Romano do Oriente* pois o próprio Procópio chama de *Império Bizantino* (*Βυζαντινὴ Αυτοκρατορία ἢ Βυζάντιο*), fato constante a posterior ao período aqui mencionado. Mas consideramos que o termo mais relativo seria Império Romano Oriental devido a forma de análise aqui proposta, observando o século V sobretudo.

autor dessa fonte estava na conquista da África Vândala pelo *στρατηγός/στρατηλάτης* Flávio Belisário (*Φλάβιος Βελισάριος*), resultante do conflito entre o *Rex/ἡγεύμαι* Vândalo Gelimer e o comandante Romano Oriental. Procópio possui relevância ímpar por ser um tipo de “História oficial” da corte de Justiniano, além de uma legitimidade no ambiente grego. As implicações religiosas são óbvias devido à constituição da fé Niceia, ou ortodoxa no contexto grego em contraposição as heresias arianas provenientes do ambiente Vândalo.

Como é uma *História Oficial* da corte de Justiniano, Procópio tenta legitimar a conquista de norte de África pelas tropas romano orientais, em especial sobre o *Rex* Gelimer, usurpador do trono de Hilderico, filho de Hunerico. Assim, buscando relatar as "origens" dos Vândalos e trajetória que resultaria na conquista militar de Belisário, *magister militum* de Justiniano, o que implica em concepções clássicas para a produção textual do período, em apontar a decadência Vândala sobre o poderio e autoridade Romano oriental. Tal perspectiva torna-se clássica por Tucídides ser a principal influência de Procópio, além de uma concepção filosófica do universo grego, no caso das virtudes e vícios¹²⁰.

Idácio de Chaves (*Hydatius Aquae Flaviae*) possui uma *Crônica*¹²¹, o qual é um registro importante em diversas interpretações sobre as movimentações bárbaras. Idácio era bispo e testemunhou as decorrentes circulações no século V, o que indica uma interpretação específica sobre de um membro da Igreja do clero católico/niceno sobre tais fenômenos. O tipo de *Crônica* compreende a uma concepção cristã acerca do homem e o tempo, um relato dentro de um entendimento cronológico linear e mais limitado, já que etimologicamente parte dos termos *χρόνος/chrónos*, que indicam tempo. A produção da *Crônica* de Idácio denota entender a sua contrariedade às heresias como o Arianismo, cristianismo característico de

¹²⁰ Lembramos que no período de Justiniano foram fechadas as escolas filosóficas no Império Romano Oriental, em especial a de Atenas, a qual teve Proclo como personagem importante no século V. A influência a qual apontamos decorre de várias escolas filosóficas, Platônica, Peripatética, Estoica, Epicurista, Cética; as quais a maioria discorria sobre tais pontos de Virtudes e Vícios e constante nas obras de teor político. Cf. REALE, G. *Plotino e Neoplatonismo*. São Paulo: Loyola, 2012.

¹²¹ Muitas vezes é elencando dentro da concepção de *História Universal*, já que não se atem a uma comunidade cívica específica, mas um contexto maior, caso relacionado com a concepção cristã da condição do homem. Ponto interessante para denotar uma diferenciação entre tal concepção e história na *Antiguidade Tardia*, pois a *História* e a *Crônica* possuem conotações temporais específicas, o que modifica o conteúdo do escrito e perspectivas a interpretações. No caso de Idácio de Chaves, não concerne a uma *História Universal*, assim como atem Julio Campos: "Ahora en este libro volvemos la vista al siglo IV y V para fijarnos en el cronista Idacio de Chaves, que es contemporáneo de las invasiones violentas de los Bárbaros en el Imperio, y particularmente en La Hispania. No hace historia Universal, como su coterráneo Orosio, sino que se limita a los años que ban desde teodosio el Grande hasta el emperador León, haciendo sujeto preferente de sus anales a Los Bárbaros, Godos, Vândalos y Suevos, que devastan y recorren la Hispania Occidental y la Galecia." (CAMPOS, P.7) A *crônica* tem mais importância que a *história* na concepção de Idácio, indicando sua prevalência entre autores religiosos.

povos bárbaros frente às conversões com o missionário Úlfilas no século IV, e Priscilianismo¹²². Tal ponto releva para pensarmos como um membro da Igreja identificou tais populações e ocorrências, o que origina para pontos pessoais em sua experiência. Interessante notamos que é um autor ímpar para pesquisa sobre as movimentações bárbaras, o que inspiraria Isidoro de Sevilha na formação da *Historia de regibus Gothorum, Vandalorum et Suevorum*; autor que possui fundamentações basilares para as concepções políticas do período¹²³. O período que abarca em sua Crônica é de 379 com a associação de Teodósio I com Graciano até 469 com Antêmio e Ricimer com tropas e hostilidade contra os Vândalos.

Temos em diferenciação o caso de Próspero de Aquitânia (*Prosper Tiro Aquitanus*), um discípulo de Agostinho de Hipona, que escreve a *Epitoma Chronicon*. Pensando sua obra como um autor historiógrafo, podemos entender, primeiramente, que é um tipo de *Crônica* (*Chronicon* ou *Temporum liber*), tendo referências seu contexto de formação da obra, além de diretas menções a São Jerônimo e ao combate à heresia pelagiana¹²⁴. Esse ponto pode ser ressaltado juntamente com Procópio, já que temos relevâncias estritas com a crítica à fé ariana pelo autor grego, nas fundamentações das ações de *Rex* bárbaros, como na formação de um destino com a derrota dos Vândalos a Justiniano¹²⁵.

Anônimo Valesiano II¹²⁶ concerne a uma crônica escrita em Latim entre os anos de 540 a 550 a.C de nome *item ex libris inter cetera Chronicorum*. Esse escrito é bastante interessante dentro da sua formatação, tanto de escrita quanto pelas implicações que ele aponta. Longe de ser apenas um relato somente da Itália sobre o reinado de Teodorico o Grande no século VI, a crônica possui elementos muito interessantes para pensarmos a formação do poder em diferentes formas dentro de uma visão própria da península itálica¹²⁷.

¹²² Lembramos que a *Hispania* foi placo do Priscilianismo, heresia que Idácio tinha como atenção aos resquícios de tais influências na localidade. Cf. BROWN, P. *Santo Agostinho: uma biografia*. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2005.

¹²³ Caso da formação de poder na *Antiguidade tardia* com Isidoro de Sevilha: Cf. ZÉTOLA, B. M. *Política externa e relações diplomáticas na antiguidade tardia*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2012.

¹²⁴ Aponto acerca de São Jerônimo, pois a *Epitoma Chronicon* é, muitas vezes, relacionada como uma continuação da obra deste.

¹²⁵ *Τύχη*, a deusa da sorte Grega. Procópio atribui muita importância a tal ponto, mas no caso cristão pode relevar ao conceito de *Providência*, conceito utilizado no cristianismo derivado da concepção estoica de Zenão de Cítio e, posteriormente, Panécio de Rodes.

¹²⁶ Anônimo Valesiano concerne a duas fontes de autoria desconhecida, um escrito sobre o período do Imperador Constantino I, de nome *Origo Constantini Imperatoris* ("A linhagem do imperador Constantino"); outro do século VI, o qual foi aqui considerado de nome *item ex libris inter cetera Chronicorum*.

¹²⁷ Cf. BURNS, T. S. *The Ostrogoths: Kingship and Society*. (Historia-Einzelschriften, 36.) Wiesbaden: Franz Steiner, 1980.

Pertence a um escrito em latim pouco desenvolvido, já que é o mesmo é considerado como um fragmento de uma obra maior de Maximianus, bispo de Ravenna, ou mesmo uma cópia deste. O ponto religioso é constante principalmente ao que indica a crítica à fé ariana e valorização a cristianismo católico/niceno. Esse escrito relaciona-se muito com o Período de Zenão e usurpação de Basilisco, nos anos de 475, além de posterior governo de Teodorico o Grande (493-526).

Logicamente que não foram tais fontes apenas utilizadas nessa monografia, como pode ser visto no capítulo primeiro. Assim, só explicamos as fontes que são essenciais para a problemática aqui desenvolvida e análise, não pensando que as outras sejam de menor importância, é o caso de Victor de Tunis e Tácito.

5.2 IDENTIDADE E *REX*

Inicialmente, Procópio faz menção as divisões do Império Romano, dos continentes Europa e Ásia e extensão das colunas de Hercules até a *Britania Romana*¹²⁸. Após apontar tais pontos acerca do *limes* e referências geográficas, o autor discorre sobre os Bárbaros em tempo de Honório:

Sin embargo, en la época en que Honorio reinaba en la parte occidental del Imperio, uno pueblos bárbaros se apoderaron de su territorio: ahora voy a explicar quéns fueron y de qué modo lo hicieron. Muchos pueblos góticos se han conocido en tiempos antiguos y también actualmente, pero lo más importantes y dignos de tenerse en cuenta son los godos, los vándalos, los visigodos y los gepedes. antiguamente se les llamaba saurómatas y melancenos y había además quienes daban a estos pueblos el nombre de géticos. Todos éstos se distinguen entre sí por sus denominaciones, como ha quedado dicho, pero no se diferencian en nada más en absoluto, pues todos ellos son de piel blanca y rubia cabellera, de alta estatura y buen aspecto, están sujetos a las mismas leyes y practican la religión de forma similiar. Todos com, en efecto, pertenecen a la fe arriana y hablan una sola lengua, llamada gótica. A mí me da la impresión de que todos proceden originalmente de una única tribu, pero que en épocas posteriores se distinguieron por los nombres de los que estuvieron al frente de cada grupo. (p. 62-63). II. 1-6¹²⁹

¹²⁸ Procópio. Guerra Vándala (Libro III). I. 1-18

¹²⁹ εὐμήκεις τε καὶ ἀγαθοὶ τὰς οὐραίας, καὶ νόμοις μὲν τοῖς αὐτοῖς χιόνται. O termo que Procópio usa é *νόμοις*, o qual proveem de *νόμος*. Nessa tradução em específico significa “Leis”, pois está em concordância na frase em utilizar em οἱς terminação em Plural Dativo em gênero masculino. Porém, o mesmo termo pode ter o significado de hábito, uso, atribuição. Assim, torna-se bastante problemático em qual tipo de perspectiva Procópio usou, mas

Em si, a análise de Procópio sobre as origens dos povos bárbaros é etnográfica, não apenas por uma tradição proveniente dos historiógrafos, mas pelo uso do termo *έθνοϋς*¹³⁰, como é proveniente de *Έθνοϋς*, que pode ter variações dependentes os casos de análise. Ao qual nos referimos aqui, Procópio tenta demonstrar a existência de vários povos que possuem diferenças entre eles, mas teria uma mesma nação como originária, de uma mesma raiz identitária. Sua observação está por anteriormente identificar pontos que caracterizariam tais bárbaros, igualmente como Amiano Marcellino fez no século IV¹³¹. Tal ponto problematiza o que deve ser considerado ao identificar tais povos bárbaros, pois se as características físicas não são coerentes com fatores complacentes em diferenciação étnica, quais seriam eles? Diferentemente de um Tácito que identifica de uma forma diferente, muitas vezes por localização e certos nomes, aqui, não condiz com o relato, pois tais nomes seriam eleitos por eles mesmos. Em localizações seriam algo bastante problemático, pois as movimentações e decorrentes desenvolvimentos do século IV e V produziram novos aspectos (como já foi observado no capítulo primeiro). Em uma tentativa inicial, o local de origem, conceito primo dentro do universo romano, *Natio*, o *Έθνοϋς* relaciona-se aqui com a *Natio* no latim, não somente com as *Gentes*, a localidade em que um indivíduo pertencia/nasceu, não apenas uma noção de grupo étnico, mas como uma tentativa de pensar o originaria esses povos¹³².

Na continuidade temos algo muito interessante, pois o autor continua com: ονομασι δε υστερον τών εκαστοιϋ ηγησαμενων διακεκρισθαι¹³³. Procópio define a formação identitária

é possível entender no sentido de costumes e códigos de ética, diferente do caso de leis fundamentadas em instituições. Baseando-se no dicionário Grego-Português da editora Atelie aponta para tais noções: **νόμοϋ, ού (ό)**: 1. Uso; costume; hábito; tradição. 2. Costume com força de lei; regra de ação; lei; 3. Maneira de agir; conduta. 4. Norma, prescrição; regra de uma arte. 5. (*Mús*) modo musical (frígio, jônio. Dórico, eólico). 6. (*Mús*) Ária; canto; melodia.

¹³⁰ *έξ έυόϋ μεν εΐναι άπαντεϋ τó παλαιόν έθνοϋϋ*. Baseando-se no dicionário Grego-Português da editora Atelie aponta para tais noções: **εθνοϋϋ, εοϋ - ονϋ (τό)** 1. Grupo; multidão de pessoas que agem em conjunto; multidão de povos, de guerreiros; grupo de companheiros. 2. Nação; povo; estirpe; raça. 3. Classe; corporação; grupo de pessoas de mesma profissão. 4. Grupo; conjunto; classe; raça de seres que têm a mesma natureza. 5. Povos das províncias. 6. Os gentios, os não-judeus, em relação aos hebreus.

¹³¹ Verificar capítulo primeiro.

¹³² De acordo com o dicionário de Latim-Português da Porto editora: **Natio, onis** (nascor). *f.* 1. Nascimento, deusa do nascimento. 2. (Falando dos animais). Ninhada, raça, espécie. 3. Povo, nação. Conjunto de indivíduos nascidos no mesmo lugar. 4. (sent. Irônico). Seita, tribo, raça, gente. 5. Naciones, um, cf. pl. os pagãos, os gentios, a gentilidade.

¹³³ A tradução possível seria: “Os nomes são designados pelos chefes militares de cada grupo”. O termo ηγησαμενων é proveniente de ηγουμενων (Genitivo Plural, presente) “daqueles que comandam”, outra declinação para o verbo ηγέομαι (comandar). A mudança na estrutura possivelmente é devido ao estilo de Procópio e Grego do período. Observando o dicionário Grego-Inglês de Liddell-Scott, tal termo estaria ligado com a raiz **ηγεμων, ονοϋ (ό, η)**, a qual possui 4 significados: 1. Guia; condutor de algo ou alguém, em direção à;

com essa frase dentro de sua concepção, o que resolve o que ele tende a discutir no âmbito etnográfico. *A posteriori* continua denotando alguns pontos sobre o que são os Visigodos e as relações com Alarico, mas tal definição torna-se ímpar, pois ele para de discutir o ponto etnográfico para focar nos acontecimentos ali que ocorreram no século IV e V. A definição está em pensar que as identidades ocorrem devido aos líderes militares de cada população, não se uma é proveniente de um local específico ou por características físicas. Por serem considerados da mesma origem, a diferenciação torna-se inútil, e que o que importaria é como os líderes militares formavam uma identidade com tais populações.

Ao considerar tal ponto sobre o comando militar, temos várias questões. Se ele aponta os comandantes e continua pensando em personagens maiores, mas não indica se como se consolida as relações de poder para chegar ao líder. Procópio pensaria em como tais poderes se formatariam? Pergunta difícil de responder, pois a noção de história de Procópio está muito mais atrelada aos acontecimentos e relações de indivíduos dentro do Império do que análise da conjuntura mais específica dos povos bárbaros. É notório o motivo de tal atrelamento em sua narrativa, já que busca uma tentativa de relação com o Império do Oriente, o qual está relacionado.

Percebendo tais nuances no discurso de Procópio, podemos entender que a concepção de poder e identidade estão relacionadas, pois os nomes de identificação estão atrelados a cada grupo, juntamente com a condição de poder dos líderes. Por mais que ele não especifique se são famílias nobiliárquicas, o mesmo condiz com o que ele analisa com os Visigodos de Alarico e continuidade com Ataulfo¹³⁴.

Com outras fontes, temos dificuldades para pensar como se fundamentou o poder entre os bárbaros nessa instância, além do caso identitário. No caso de Idácio de Chaves, seu testemunho está muito mais ligado como uma dicotomia entre o Romano e Bárbaro, tendo uma visão que pode ser considerada escatológica quando faz referência aos eventos que ocorreram na *Hispânia* e quais grupos ali foram estabelecidos.

Sobre a tentativa de ver pontos de identidade, Idácio só identifica grupos que teriam “invadido” a península ibérica e que já possuíam denominações próprias, como Godos, Alanos, Vândalos Asdingos e Silingos, diferenciando pelas localidades que eles ocuparam,

2. Chefe militar; comandante; chefe; soberano. 3. Autor de; princípio de; 4. Chefe, primeiro; principal. Assim com o termo **διακεκρίμενος**, que possui os significados de diferentemente, separação e dissolução.

¹³⁴ Procópio, *a posteriori*, continua com o relato sobre os Godos e Saque de Roma. Em si, demonstra a “decadência” do Império do Ocidente com o Imperador Honório e perícia de Alarico em seu comando militar. Procópio. Guerra Vândala (Libro III). II 7-40

não como Procópio tenta fazer em sua historia¹³⁵. Aqui sentimos uma limitação do gênero de fonte e objetivo que o autor resolveu ter ao confeccionar sua obra: a *Crônica* está muito mais ligada a pensar os eventos e forma linear e se relacionando com o contexto religioso do autor, por isso das diversas menções sobre as heresias, sobretudo priscilianismo e donatismo¹³⁶.

Além do caráter de acontecimentos, temos uma passagem apenas que dá possibilidade de entender no caso de Idácio uma possível concepção de identidade, mesmo tendo a dificuldade por ele não apresentar diretamente:

Envía al emperador Honorio a Fredibalo, rey de la nación de los Vándalos, capturado hábilmente, sin lucha alguna. (...) Valia rey de los Godos, en servicio del Estado Romano, causa numerosas muertes de bárbaros dentro de las Hispanias.¹³⁷

Diferentemente do caráter etnográfico de Procópio, em Idácio temos que usar outros tipos de noções metodológicas para analisar. Ele utiliza o termo *Gentis*, além de *Vandalorum*. *Gentis* pode possuir duas terminações na declinação que pertence, a terceira; concerne ao nominativo de *Gens*, podendo ser Genitivo Singular ou Acusativo Plural, dependente a identificação do termo dentro das frases¹³⁸. Observando tal, como foi apresentado na versão Latina presente na nota de rodapé, o termo está em Plural, concordando com o Genitivo plural *a posteriori*, *Vandalorum*. Assim, significa que Idácio pensou em não colocar o termo em singular, mas em plural, Fredbalum o rei das *gentes* Vândalas, não de forma *una*, mas *múltipla*¹³⁹. Mas qual a importância de tal elucubração, relacionando a forma que a fonte foi escrita?

¹³⁵ “Los Vándalos ocupan Galecia y los Suevos su parte occidental situada en el extremo del mar océano. Los Alanos ocupan la Lusitania y la Castaginense, y los Vándalos llamdos Silingos se quedan con la Bética.” (XVII – 245-251)

¹³⁶ Idácio. Cronicon. 171 e 267

¹³⁷ *Ibidem.*, XXII – XXIII (313-321). Fredbalum regem gentis Vandalorum sine ullo certamine ingeniose captum ad imperatorem Honorium destinat. (...) Vallia rex Gothorum Romani nominis causa intra Hispanias caedes magnas efficit barbarorum.

¹³⁸ De acordo com o dicionário de Latim-Português da Porto editora: **gens, gentis** (*geno*), f. 1. Gente (*gens*), conjunto de pessoas do mesmo nome (*nomen gentilicium*) que, pelos varões, se ligam a um antepassado comum. 2. Raça, estirpe, família (com vários troncos) // *gens Cornelia*, a família (a *gens*) Cornélica, compreendendo o tronco dos Cipiões, dos Lêntilos, etc. 3. (*Poét.*). Prole, descendente. 4. Nação (referindo-se à origem comum dos que a formam), povo. 5. O povo duma cidade. 6. País, região, lugar // *ubinam gentium sumus?*, Cic. Em que lugar da terra estamos nós? // *nusquam gentium*, Plau., em nenhuma parte. 7. (*Falando em animais*). Raça, espécie. 8. *Gentes, ium*, f. pl. Os bárbaros (por oposição aos Romanos), os gentios (em oposição aos Judeus ou aos cristãos).

¹³⁹ Temos que ter em mente que para um membro da Igreja, sobretudo um Bispo, a concepção de unidade é muito importante, dentro das noções de Uno e Múltiplo. Dentro da trindade, o Uno sempre vai ter prevalência, assim como certas ideias que tais religiosos podem apresentar sobre o ambiente político.

Ao pensarmos que tal fonte foi escrita em Latim, sendo a característica da língua flexiva e sintética, as terminações tornam-se importantes na estrutura lógica que necessita precisão na construção de frases devido a repetição de terminações em uma declinação. Assim, ao analisarmos tanto as fontes em Grego como em Latim, tal caracterização tem que ser considerada. Idácio, ao constituir sua obra, possui frases que são necessárias tal entendimento e análise, só assim podemos pensar como formatou-se uma perspectiva nesse âmbito a obra dele.

Os Vândalos que ele aponta nesse extrato concerne aos Silingos, estabilizados na Bética. Ele apresenta tais populações bárbaras sempre no Plural: *Vandali Silingi, Alani, Vandalis, Suevis*¹⁴⁰. Ao considerar um poder mais próximo ao coerente com os Bárbaros, Idácio usa o temo *rege, regis e regem*¹⁴¹:

Addace rege ipsorum pauci, qui superfuerant, abolito regni nomine Gunderici regis Vandalorum, qui in Gallaecia resederat, se patrocinio subiugarent.¹⁴²

Tais termos possuem o mesmo significado, dentro de terminações estritas pelo caso que apresentam na frase. Pode ter o significado de verbo ou substantivo, sendo que ambos se relacionam. O verbo concerne a singular primeira pessoa *rego*, que indica comando, regra. No caso do substantivo, concerne *Rex*, termo que já discorremos um pouco nesse trabalho¹⁴³. Interessante como o comando se relaciona com a própria figura de *Rex*, com a fundamentação de uma própria noção de poder político-militar. Tal perspectiva não nos indica de forma tão direta como é apresentado por Procópio em sua obra, mas podemos identificar alguns fatores sobre a identidade e forma de poder. Idácio sempre aponta o comando de populações por um homem, nunca por uma família ou instituição, o que significa uma caracterização bárbara. Como as populações sempre são citadas no plural, denota que não existe uma unidade entre elas, não são uniformes e não causariam um consenso entre si, um *populus*, fator importante

¹⁴⁰ Idácio. Cronicon. XXIII – XL (319-335)

¹⁴¹ De acordo com o dicionário de Latim-Português da Porto editora: **rego, is, ere, rex, rectum** (cf. rex), v. tr. 1. Dirigir, guiar, conduzir // *equum regere*, Liv., conduzir um cavalo. 2. Marcar, fixar os limites, as fronteiras (*finis ou terminos regere*). 3. Ter a direção de, ter o comando de, dirigir, guiar // *bella regere*, C., ter a direção da guerra // *studia regere*, Cic., dirigir os estudos. 4. Governar, administrar, comandar, exercer o poder. 5. (*Fig.*). Dirigir no bom caminho, encaminhar, guiar // *errantem regere*, Cic., encaminhar o que se engana.

¹⁴² Idácio. Cronicon. XL 330 - 335

¹⁴³ De acordo com o dicionário de Latim-Português da Porto editora: **rex, regis**, m. 1. Rei, soberano, monarca. 2. (*Durante a República*) Déspota, tirano. 3. (*Em particular*). O grande Rei, o rei dos Persas. 4. O rei dos deuses e dos homens (Júpiter) // *aquarum rex*, ou *aequoreus rex*, Ov., Neptuno // *inferus* ou *Stygius rex*, Plutão. 5. (*Em Geral*). O que dirige, chefe, senhor, dominador. 6. Protector, patrono (*dos parasitos*). 7. Pessoa poderosa ou rica, os ricos, os nababos. 8. Dignidade real, a família real, o rei e a rainha (*reges*), os filhos do rei (*principes*).

dentro das noções romanas de poder político e ordenamento¹⁴⁴. Com tal noção, interpretamos que as populações que os *Rex* comandavam, eram heterogêneas, com indivíduos de diversas *natio* entre si, mas que estavam sobre o mesmo comando militar, o que indicava um pertencimento específico. Podemos entender que assim, ocorria um tipo de etnogênese com tais populações, já que a diferenciação acontecia pela *natio*.

Já no caso de Victor de Tunis, algumas considerações interessantes no mesmo modo que Idácio o faz em sua Crônica.

Attila rex Hugnorum, postquam est Aetio Valentiniani Augusti duce proelio (...)¹⁴⁵

mox relictam Valentiniani Augustam viri exitum sui lugere nin permittens in matrimonio sumit. Sed his malis peiora succedunt, dum adventum Genseric Wandalarum regis formidat et cunctis volentibus urbe recedere licentiam tribuit, priusquam fugam quam cogitabat assumeret, occisus membratique concisus in Tiberim fluvium proietctus est.¹⁴⁶

Gensericus Wandalarum rex post multarum provinciarum clades et Christiani apud Africam populi spolia atque neces moritur regni sui anno XL. Post quem Hugnericus filius eius regnat ann.¹⁴⁷

Na primeira citação temos Victor de Tunis apontando o caso de Genseric e o saque de Roma em 455 e recebimento de tributos. Podemos identificar que Victor de Tunis utiliza-se da palavra *regis*, a qual já foi explicada anteriormente no caso de Idácio. Assim como a posterior, a narrativa sobre o estabelecimento Vândalo aparece como depreciativo por autores decorrentes do credo católico/niceno. Interessante que no mesmo estrito, na *Victoris Tonnennensis Episcopi Chronica*, Victor de Tunis utiliza-se do termo: *Attila rex Hugnorum*, colocando as diversas populações, as quais formavam a confederação hunna sobre o líder Atila,

¹⁴⁴ De acordo com o dicionário de Latim-Português da Porto editora: **populus**, i. m. 1. Povo (habitantes de um Estado ou uma cidade), conjunto de cidadãos. 2. (Em Roma) Povo, conjunto de cidadãos, oposto que ao senado (*senatus poulusque Romanus*), quer à plebe (esta uma parte do *populus*). 3. Multidão, massa, grande agrupamento de pessoas. 4. (*Raro*) Plebe. 5. País, região, lugar habitado, povoação. 6. População // et *populus urbanus et exercitus*, C. Nep., não só a população da cidade como o exército.

¹⁴⁵ Victor Tonnennesis, *Victoris Episcopi Tonnennensis Chronica*, 449 (Asturio et protogene consss)

¹⁴⁶ *Ibidem*, 455 (Valentiniano VII et Anthemio Consss)

¹⁴⁷ *Ibidem*, 464 (Olybrio et rvstico consss)

sobre o nome da *Natio* do líder, identificando assim, de forma similar a análise aqui já proposta. No caso Huno pensar isso torna-se muito mais pesado, pois sabemos da expansão de tais hordas asiáticas sobre as populações na Germânia de forma até abrupta, o que é considerado como um dos fatores para as movimentações¹⁴⁸.

In Africa Geisericus, rex Vandalorum, intra habitationis suae limites volens catholicam fidem Arianam impietate subvertere, quosdam nostrorum episcoporum.¹⁴⁹

Attila rex Hunnorum Bledam Fratrem et consortem in regno suum perimit, ejus populos sibi parere compellit¹⁵⁰

Observamos os mesmos fatores dentro da obra de Próspero nesse caso, constante dentro de análise de povos bárbaros, tanto de forma pejorativa frente a religião ariana quanto pela forma que é apresentado o conteúdo político militar. Temos que lembrar, ao pensar como estão relacionados tais pontos, que politicamente a falta de unidade aproxima a maiores problemas de uma autoridade do *Rex*, sem aparatos administrativos para. Assim, identificamos que tal poder está muito mais relacionado com um centralismo da concepção do *Rex*, o que fundamenta a concepção de identidade sobre a figura dele e de sua linhagem nobre, o que traria certa concepção de unidade e possibilidade de descrição por tais autores romanos.

5.3 CIVILIZAÇÃO E BÁRBARIE

Mesmo não sendo um dos pontos primos percorridos nesse trabalho, sobre a Civilização e Barbárie, o que foi altamente debatido pela historiografia sobre o tema, principalmente pelas obras clássicas, caso de Gibbon, os quais já fizeram algumas discussões na introdução desse trabalho. Assim, pretendemos apontar alguns pontos constantes na análise e que se relacionam com as perspectivas políticas aqui discutidas, não entrando na especificidade do mesmo.

¹⁴⁸ Como já apontamos dentro das características etnográficas de Amiano, os Hunos foram um dos principais motivos de fuga das populações bárbaras próximo ao *limes* romano.

¹⁴⁹ Próspero - *Epitoma Chronicon*. 746 P. 597

¹⁵⁰ *Ibidem*. 749 P.600

Já dentro da perspectiva dicotômica e própria de Idácio sobre romanos e bárbaros, o autor construiria um relato muito utilizado para o pensamento das relações no contexto da península ibérica.

Depués elevado sin motivo al cargo del episcopado, conociendo todas las miserias de este desgraciado tiempo, y encerrado dentro de las estrecheces del Imperio Romano, hemos expuesto las fronteras que amnazan ruina; y, lo que es más lamentable, encerrado dentro de Galecia, último extremo del mundo, el estado deplorabel del orden eclesiástico debido a las novedades indiscriminadas, la muerte de una honesta libertad y el ocaso de casi toda religión en la sagrada disciplina, que se ha impuesto por la confusión y desorden de naciones inicuas eloquecidas; esto, efectivamente, se ha incluido; pero dejamos a los venideros lo que se ha de cumplir en los tiempos que les toquen.¹⁵¹

Alanos, Vándalos y Suevos Entraron en las Españas en la era 447; unos lo ponen en el día 28, otros el 12 de octubre, martes, en año VIII del consulado de Honorio, y el III de Teodosio, hijo de Arcadio. (...) Los Bárbaros que habían entrado en las Españas, devastan y asesinan en calidad de enemigos. La peste por su parte cumple no menos activamente su papel devastador. Con el desenfreno devastador de los Bárbaros por las españas y mientras se ensañan a la vez de la peste, el tiránico recaudador y va arrebatando las riquezas y bienes guardados en las ciudades, y los soldados las agotan; se extiende hambre cruel, hasta el extremo de que los hombres comen carne humana obliados por el hambre(...)¹⁵²

A distinção realmente mais direta que o autor faz é sobre os Bárbaros, pensando em contraposição a Civilização Grego/Romana, similar a como Procópio utiliza-se ao longo de sua obra das Guerras Vândalas, o termo *βάρβαρος*¹⁵³. Assim como é apontado pelos escritos de Próspero, o termo bárbaro nesse período se relaciona, no caso de Procópio ao de *πιοτις*, de não entrarem na fé cristã verdadeira, nesse caso a católica/Niceia¹⁵⁴. Tal não aceitação da fé

¹⁵¹ Idácio. Cronicon. VII 53-60.

¹⁵² *Ibidem*, XVI 210-215 220-230.

¹⁵³ Procópio. Guerra Vândala (Libro III) II - 7

¹⁵⁴ Tal noção era clássica dentro do mundo romano, sendo muito anterior ao surgimento do Cristianismo. Nas palavras de Maria Helena da Rocha Pereira: “A *pietas* define-se habitualmente como um sentimento de obrigação para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos, parentes). Quer dizer, por conseguinte, que liga entre si os membros da comunidade familiar, unidos sob a égide da *patria potestas*, e

cristã como verdadeira é um dos pontos para definir a falta de piedade e virtudes pertencentes ao universo cristão legítimo. Isso é notório na parte acima de Idácio como escreve na passagem assim como em Procópio em II – 11. A crueldade aparece como um fato dentro dos relatos dos bárbaros e seus líderes. Quando o autor grego faz análise de Gunserico e Genserico, temos alguns relatos muito interessantes:

“Muerto allí ya Godigislo, la soberania había recaído en sus dos hijos: por una parte Gontaris, nacido de sua esposa legítima y, por outra, Gicerico, hijo bastardo. Pero mientras el primero era todavía um niño y no poseía um carácter enérgico, Gicerico se había ejercitado de forma considerable em el arte de la guerra y era el más temible de todos lós hombres.”¹⁵⁵

No relato de Procópio, temos uma análise sobre o sujeito de Genserico, como um homem de perícia militar, com uma educação dentro de tal perspectiva, além de considerar como um indivíduo terrível. Ao observarmos no original Grego, temos algumas palavras interessantes para observamos: Γιζέριχος δέ νόθος. ἀλλ' ὁ μὲν ἐτι ἦν παις καὶ τὸ δραστήριον οὐ σφόδρα ἔχων, Γιζέριχος δέ τὰ τέ πολημια ὡς απιστα ἐξήσλητο καὶ δεινότατος ἦν ἀνθρώπων ἀπάντων. Δεινότατος é um termo bastante pesado, sendo decorrente do termo δεινός¹⁵⁶, que nesse caso aponta tanto para o significado de habilidade militar (a qual é apontada na mesma oração) quando pelo seu caráter terrível, como é apontado na tradução de *Rubio* em espanhol¹⁵⁷. Assim, percebemos uma caracterização dupla nessa construção que Procópio constitui, já que o Genserico é apontando tanto com sua habilidade militar quando pelo seu modo pejorativo, bárbaro.

projectada no pretérito pelo culto dos antepassados.” (PEREIRA, P. 327) A autora aponta que o sentido cristão de “piedade” está presente pela antiga noção ciceroniana de “prática da veneração do divino”. *πιος* possui importância ímpar dentro do universo grego, tendo tantos significados e possibilidades de interpretação que o Dicionário de Grego e Patrística utiliza 5 páginas completas para demonstrar definições. Sabendo de tal ponto, identificamos dentro do contexto aqui sugerido tal termo, nas disputas entre Arianos e Católicos/nicenos.

¹⁵⁵ Procópio. Guerra Vândala (Libro III). III – 23- 25.

¹⁵⁶ 1. Que inspira temor; terrível; temível; mostra-se mais terrível para os inimigos. 2. Que inspira temor respeitoso; venerável. 3. Que provoca assombro; terrível, impressionante. 4. Violento; intenso; irresistível. 5. Admiravelmente dotado; extraordinariamente hábil. 6. Mau; funesto. 7. O que infunde terror; o terror; 8. o perigo. 9. As maravilhas.

¹⁵⁷ Na tradução de em espanhol de José Antonio Flores Rubio, a qual utilizamos aqui, possui uma nota interessante sobre o que os nomes de ambos rex vândalos significam significavam: “Gotaris o gunserico, ‘el Rey de la guerra’ em gótico, hijo legítimo de Godigislo, nació em fecha desconocida. Murió em el 427 o 428. Genserico, Gencerico o, mejor, Gicerico, cuyo nombre significa ‘poderoso por la gloria’ em gótico, hijo ilegítimo de Godegislo, nació em el 390 y murió em el 477. Se convirtió em rey de lós vândalos y de los alano em el 428 sucediendo a Guderico o Gotaris hasta el dia de su muerte, que se produjo el 25 de enero del 477.” P.81

Procópio, assim como a maioria dos autores do período possuem uma visão determinada sobre os bárbaros, pensando na dicotomia entre os romanos que possuem a *humanitas* em comparação com a barbárie¹⁵⁸. O autor grego aponta de forma bastante pejorativa com o uso do termo Δεινότητος, porém podemos verificar que a figura do *Rex* está ligada a sua perícia militar, o que trás pontos de concordância quando pensamos a identidade e formação de poder entre os bárbaros. Podemos observar como tal documento histórico está relacionado com a perspectiva do autor principalmente quando ele aponta outro Genserico na fonte, quando ocorre o relato do imperador Marciano.

“Entre ellos también estaba allí Marciano, que em alguna parte dormia despreocupadamente. Em aquel momento, apareció un águila que se puso a volar por encima de él desplegando las alas, según cuentan, y, permaneciendo todo él tiempo em el mismo espacio aéreo, cubría com su sombra únicamente a Marciano. Gicerico, que observaba desde el piso superior lo que estaba sucediendo y siendo como era um hombre sumamente perspicaz, sospechó que se trataba de una manifestación divina y, tras mandar llamar al hombre, le preguntó quién era. Entonces él le contestó que era um consejero de Aspar, de los que compartían sus secretos: a tal personaje los romanos en su lengua lo llaman *domesticus*. Al escuchar esto Gicerico y considerando, por una parte, la irrupción del águila y teniendo em mente, por outra, el poder tan grande del que disfrutaba Aspar em Bizancio, comprendió él claramente que esse hombre iba a acceder al trono imperial. Em consecuencia, considero um poco conveniente mandarlo matar, teniendo em cuenta que, si lo hacía desaparecer de este mundo, estaria muy claro que la actuación del águila no tenía ningún significado – pues no iba ésta a honrar com sua sombra a um emperador que estaba a punto de morir – y que, por añadidura, lo mataria sin tener ninguna razón para hacerlo, pero que si, por otro lado, este hombre estaba destinado a convertirse más tarde em emperador, no estaria jamás em su mano poder darle muerte, pues aquello que depende de la voluntad de Dios, no puede ser impedido por los designos de un hombre. No obstante, le obligó a jurar que, si eso dependia de él, no tomaria jamás las armas contra los vándalos. Tras ser liberado entonces Marciano, llegó a Bizancio y, posteriormente, a la muerte de Teodosio, le sucedió al frente del Imperio¹⁵⁹

¹⁵⁸ “ A palavra donde deriva ‘humanidade’ tem uma história mais que todas atraente e rica de significado. Efectivamente, *humanitas* deriva de *humanus*, que por sua vez está relacionado com *homo* (‘o homem’) e *humus* (‘a terra’). (...) Mas *humanitas* não é para os antigos, senão tardiamente, o conjunto dos seres humanos. É também a natureza e sentimentos dos homens. (...) Esta *humanitas* é já civilidade, que se opõe à crueldade primitiva, desconhedora do direito. Tal oposição repete-se com frequência, em contextos em que a *humanitas* se associa intimamente a *comitas* (‘codialidade’), *mansuetudo* (‘doçura’) e a nossa já conhecida *clementia*.” (PEREIRA, p. 417).

¹⁵⁹ Procópio. Guerra Vándala (Libro III). IV 5-11

Nesse relato, longe de Genserico ser um homem “mais terrível de todos”, ele demonstra um lado tanto político quanto religioso, demonstrando piedade sobre Marciano e respeito com o título que receberia depois¹⁶⁰. Ao considerar tal ponto, temos que ter em mente que a própria retórica de Procópio demonstra pontos de contradição dentro da perspectiva que ele possui, fora do ambiente Vândalo, além de ser um relato muito a posteriori. Assim, perguntamos, será que tais bárbaros eram tão terríveis como fazem os relatos ou tal perspectiva é muito mais retórico que real? Uma boa questão que não possui resposta, sendo muito discutida pela historiografia acerca de, mas em nossa interpretação, pensamos que tais homens não eram ignorantes, mas entendiam o contexto em que estavam inseridos, o que passa muito além de uma perspectiva de bárbaros somente. São homens dentro do universo romano, como líderes militares, que entendiam a dinâmica política/social aqui estabelecida, sendo que os relatos não buscavam entender a perspectivas desses homens. Assim, temos que entender que os escritos estão relacionados com as perspectivas clássicas de *Humanitas* desenvolvidas nos círculos daqueles que detinham o conhecimento na época¹⁶¹, tornando muito parcial os relatos sobre populações bárbaras como os Vândalos. O conceito de *transformação* torna-se ímpar nesse caso, já que os próprios conceitos mudam de uma perspectiva clássica para as noções da *Antiguidade tardia*, pois tais movimentações modificam a realidade da conjuntura, o que também temos que ter em mente no caso de o que é um bárbaro e concepções de civilidade.

5.4 REGNUM E FORMATAÇÃO DO PODER

Como último ponto, sobretudo, mais importante, analisaremos o que formata o poder do *Regnum*, o que está relacionado estritamente com o *Rex*. Como já descrevemos no ponto 3.2, podemos notar que a formação de identidade está associada com o poder do líder militar que comanda as tropas militares além das populações. Assim, ao confeccionamos uma análise

¹⁶⁰ Pensando aqui piedade como temor a figura de Deus.

¹⁶¹ **Humanitas, atis (humanus)**. f. 1. Humanidade, natureza humana, os homens, a espécie humana // *quasi quidam humanitatis cibus*, cic., como uma verdadeira alimentação do homem. 2. Conjunto de qualidades que fazem o homem superior aos animais, o espírito humano, os sentimentos humanos, o coração humano // *vis humanitatis*, cic. a força dos sentimentos humanos. 3. O que torna o homem boa educação, a distinção, a cultura literária, a boa educação, a distinção, a cultura geral do espírito, humanidade, artes liberais // *doctrinae studium atque humanitatis*, cic., gosto pela ciência e pela cultura espiritual // *vita humanitate perpolita*, cic., vida ornada pela cultura / artes *quae ad humanitatem pertinent*, cic., artes que contribuem para a formação espiritual do homem. 4. Bondade, afabilidade, bons modos, cortesia, benevolência, filantropia.

sobre o período, temos que ter em mente essa importância do *Rex*, mas não seria de forma plena na formação de um tipo de governo legítimo somente, já que converge em uma característica proveniente da conjuntura anterior aos séculos V e VI, como já foi apontado no capítulo primeiro. Deparamos-nos com uma aporia, desse modo, já que teríamos que pensar o que fundamenta o poder político além dessa prática militar própria do universo bárbaro, pois aqui estamos observando tais populações em um âmbito diferente, *transformado*. Mas como podemos trazer tais questões para análise das fontes aqui propostas? Aí uma boa questão, a qual pretendemos responder em conformidade com a análise.

Observando a obra de Díaz Martínez, quando ele observa as mudanças, as concepções políticas são notórias no período da Antiguidade tardia, sobretudo por termos uma nova realidade com a fragmentação do poder político sobre os poderes dos *Rex* bárbaros locais. Para termos noções melhores sobre o contexto, a análise de várias fontes que estariam relacionadas com tais assuntos e propostas. Quando o autor observa as *Etymologias* de Isidoro de Sevilha, em que o bispo de Sevilha está inserido no contexto visigodo do século VII e VIII, com o período de Recaredo I, católico, o qual continha com as disputas entre seu irmão Hemenegildo, ariano. Conjuntura de instabilidade política dentro do universo visigodo, caso que não indica analisarmos nesse trabalho, mas que foi de de plena importância para a obra de Isidoro. O mesmo ponto foi examinado por Zétola, na obra *Política externa e relações diplomáticas na Antiguidade Tardia* ¹⁶².

Entre os pontos que Díaz Martínez aponta para que ocorra a fundamentação do *Regnum*, temos em especial quatro, as quais indicamos : A Entidade Administrativa, *Codex de Lex*, fundamentação de um *Populus*, relevância de autoridade e poder por outras entidades políticas, além de um território ¹⁶³. A entidade administrativa está relacionada com o antigo aparato romano dentro das províncias, as elites ali estabelecidas que possuíam um poder político social sobre, tendo parte na administração local ¹⁶⁴. Tais elites se relacionariam com as nobrezas guerreiras bárbaras, que estariam ligadas ao comando militar, não com a administração no moldes romanos. Acerca das *Lex*, para a fundamentação de um governo,

¹⁶² “Conforme a definição de Isidoro de Sevilha, ‘reino deriva de rei, assim os reis são assim chamados de reger (...) Não rege o que não corrige. Por conseguinte, o nome de rei se possui obrando retamente; pecando, se perde’. Há na definição isidoriana, não apenas o pressuposto de que o reino é uma entidade administrativa, como também um sentido político nessa administração. O conceito de *regnum* é, desse modo, a transposição do ideal da *res publica* para uma política teleológica cristã. Constitui a administração correta de um soberano sobre seu *populus* em sua *pátria*. Trata-se, desse modo, de fator imprescindível no processo de criação de unidades políticas autônomas e soberanas. “ (ZÉTOLA, P.73)

¹⁶³ Cf. DÍAZ MARTÍNEZ, P. C. El reino suevo de Hispania y su sede em Bracara. In : RIPOLL, G. ; CURT, J. M. (Eds.). *Sedes Regiae*. Barcelona : Reial Acadèmia de Nobes Letres, 2000.

¹⁶⁴ Tal ponto já foi ressaltado no capítulo primeiro.

sendo que a complexidade local determinava uma problemática entre as populações romanas locais com os bárbaros, existia a necessidade de fundamentação de leis para a possibilidade administrativa e ordem nas diferenciações entre populações e perspectivas¹⁶⁵. O *Populus* fundamentaria com a concepção de *Lex*, de unidade política da população com um líder específico dentro da noção de poder legítimado, o que indica um tipo de unidade identitária tanto dos vários povos bárbaros quanto pelo romanos na localidade. Isso não implica que não existiam diferenciações, sobretudo, sociais entre tais. Muitas vezes isso ocorre dentro de uma teorização política, não implicando na prática. No ponto que concerne a relevância entre outras unidades políticas, tal acontecia muitas vezes pelas influências e poder militar que um *Rex* possuía, no caso Vândalo isso é notório. No caso da territorialidade, temos um problema marcante, o que formataria um território? Quando pensamos em Império Romano, temos que ter em mente que esse ponto está relacionado com as elites romanas locais que admitem uma autoridade específica, o que indica uma influência sobre uma localidade/região. Esse concerne a um ponto bastante problemático para discorrer, mas preferimos deixar com essa definição para simplificação e entendimento.

Ao pensarmos como fundamenta o *Regnum*, no caso de Genserico isso torna-se problemático devido a forma de formatação de poder que ele teve sobre suas populações e norte de África. Assim, buscaremos analisar como as fontes apontam tais aspectos, como observamos a noção de identidade e barbárie anteriormente. Em primeiro ponto, temos que notar a diferenciação entre estabelecimento de *federado* para *Regnum*:

Más tarde, partiendo de allí, bajo el mando de Godigisclo, se establecieron en Hispania, que es la primera provincia del Imperio Occidental a partir del océano. Entonces Honorio llegó a un acuerdo con Godigisclo que les permitía a ellos establecerse allí a condición de que el país no fuera devastado. Pero existía una ley entre los romanos en virtud de la cual, si había personas que no podían mantener en su poder sus propiedades (...)¹⁶⁶

Procópio descreve como *federado*. Um *Regnum* nunca pode ser colocado dentro da condição de *federado* pois estaria sobre as leis de uma autoridade superior, nesse caso a romana, além de não consideração de sua autonomia consideração de unidade política. Assim,

¹⁶⁵ Lembramos que tal ponto não é não é nenhum tipo de novidade no universo romano, pois diferenciações dentro do âmbito jurídico eram comuns desde a época da República, frente às expansões do mundo romano e necessidade de diferenciações entre Itálicos, Romanos, nas concepções de cidadania.

¹⁶⁶ Procópio. Guerra Vândala (Libro III). III 2-3

na *Hispânia* não podemos considerar pleno no caso dos Vândalos, mas somente na África como local de análise.

A posteriori, temos o estabelecimento em norte de África, o qual já foi descrito no capítulo primeiro como decorrentes de etapas em relações entre o *Imperador* e o *Rex* Genserico, passando de “invasores“ para *federados* e depois com um autonomia frente a autoridade imperial. Por ter tido diferenciações entre períodos, mas com acordo entre Genserico e Valentiniano III, temos um ponto muito interessante de análise, principalmente depois de 442, já que Hunerico e Placídia tornam-se relativos ao um futuro casamento (o qual será consolidado em 455). Tal ponto é explicado nesse extrato:

Gicerico, actuando, por el contrario, con moderación a causa de todo aquello que había temido, firmó un tratado con el emperador Valentiniano, en virtud del cual pagaría cada año tributo al emperador desde Libia y, para hacer valedero este acuerdo, entregó a uno de sus hijos, llamado Honorico en calidad de rehén. Así pues, Gicerico, después de haber probado su bravura en el combate, conservó su victoria de la manera más segura posible y, al ir a más la amistad entre los dos pueblos, le fue devuelto su hijo Honorico. ¹⁶⁷

Caso formos observar apenas a obra de Procópio sobre a noção de poder que Genserico detinha, podemos entender alguns pontos como complacentes dentro da perspectiva que Díaz Martínez denota como formadora de um *Regnum*. Genserico constituiu relevância de seu poder político e militar no mediterrâneo, isso pode ser notado pela tentativa de acordo de Valentiniano e entendimento de colocar Genserico como seu Aliado, não inimigo. Decorre com a questão do poderio militar que os Vândalos detinham, sobretudo marítimo, o que foi ressaltado pelas vitórias sobre Basilisco em 468 ¹⁶⁸, o que causará a paz entre o Império Oriental e os Vândalos. As tentativas de paz e relações diplomáticas sempre foram fatores que indicam a legitimidade do poder que Genserico tinha entre suas *Gentes*, sendo que é o único fator que pode ser considerado afirmativo no caso de observamos o que condiz com a concepção de *Regnum*. Sobre um aparato administrativo, além de concepções de *Lex*, não temos possibilidades de afirmar que existiam, pois não é citado no relato do historiógrafo grego. Dentro das relações que Genserico teve com as aristocracias locais, é descrito que foram desapropriadas terras para serem concedidas aos Vândalos e Alanos, o que diminui

¹⁶⁷ *Ibidem*. IV 13-15

¹⁶⁸ *Ibidem*. VI 1-25 Basilisco foi um homem que possui uma trajetória de vida interessante dentro das relações de poder do século V, tanto pelas influências sobre Leão I e Zenão.

muito as possibilidades de relações entre os Vândalos e proprietários romanos de norte de África¹⁶⁹. Isso indica poucas possibilidades de existência de aparato administrativo e *Lex*.

Essa relação entre o poder Imperial de Valentiniano III e Genserico esteve relacionado com o famoso Saque de 455, em que o *Rex* considera a usurpação de Petrônio Maximo ilegítima, o que desconsiderava o antigo tratado de casamento entre Placídia e Hunerico. Isso aponta para um problema grande para a fundamentação do poder que Genserico possuía dentro do ambiente norte africano. No caso de saque, temos o relato de Próspero :

Sed hac incontinentia non diu potius est. Nam post alterum mensem, nuntiatio ex Africa Geiserici regis adventu, mustisque nobilibus ac popularibus ex Urbe fugientibus, cum ipse quoque, data cunctis abeundi licentia, trepide vellet abscedere septuagesimo septimo adepti imperii die a famulis regis dilaniatus est, et menibratim dejectus un Tiberim, sepultura quoque caruit. Post hunc Maximi exitum, confestim secuta est multis digna lacrymis Romana captivitas, et Urbem omni praesidio vacuam Gensericus obtinuit, occurrente sibi extra portas sancto Leone episcopo, cujus supplicatio ita eum deo ageute leuivit, ut cum omnia postestatis ipsius essent, tradita sibi civitate, ab igne et caede atque suppliciis abstineretur.¹⁷⁰

O relato é apontando como bastante negativo, sendo que Próspero fala da ação do *Bispo de Roma*, Leão Magno, o qual teria feito o possível para não ocorresse tantas mortes e desgraças. Em si, observar tal acontecimento não indica apenas pensar a destruição que Roma teve, mas quais foram as implicações que ele teve dentro das relações políticas do período. A usurpação e posterior saque de Genserico sobre Roma está muito mais ligado a sua noção de proteção à família de Valentiniano III que de tesouros do Saque. Roma só possuía a qualidade de Cidade Sagrada Romana, mas boa parte de suas riquezas tinham sido transportadas para o norte da península Itálica, caso de Ravena e Milão. Tanto de um ato de proteção política quanto de demonstrar o poderio Vândalo dentro do ambiente mediterrâneo, já que estamos em um contexto de aumento de influência do Império Oriental com a fragmentação política do Ocidente, principalmente posteriormente a morte de Valentiniano III.

Ao longo da Crônica de Próspero, não conseguimos achar pontos que sejam relevantes dentro de uma caracterização de *Regnum* ou diferentes formas de formação de poder sobre a figura de Genserico. O mesmo ponto de *Rex*, muito mais fundamentado em sua

¹⁶⁹ *Ibidem*. V 14-18.

¹⁷⁰ Próspero. *Epitoma Chronicon*. 753 -754

figura do que em qualquer outro ponto, o que podemos observar como um centralismo de poder em torno de sua figura, mas o que torna interessante é a tentativa de contato político com outras entidades políticas na busca de legitimação. Aí que podemos pensar o motivo do casamento de Hunerico e Placídia, em Genserico buscar a sucessão de seu filho de forma que não causasse problemas, evitando usurpações que poderiam ocorrer frente o centralismo do poder em um só indivíduo, sem apoio das antigas elites romanas locais ou aparato administrativo.

Como os termos utilizados por Próspero e Idácio são próximos, além de indicarem a perspectiva de comando que o *Rex* possuía, analisamos como algo muito mais relacionado a tal âmbito bárbaro da vida militar que propriamente ao político-militar romano. Assim, o poder do *Rex* fica muito mais centralizado em seu indivíduo em vez de ocorrer certa autonomia e pontos de importância da formatação de seu poder. Em Idácio achamos os termos *regis*, o que já foi denotado no ponto 3.2.

Assim, a concepção de *Regnum* não se aplica dentro da especificidade do caso Vândalo, o que se assemelha muito mais com as noções de poder bárbaro do século IV. O mesmo ponto poderia ser analisado dentro da conjuntura hunna, em que temos uma perspectiva similar com o poder de Bleda e Átila, o que resultaria na confederação do segundo somente. Tais poderes apresentam fragilidade, tendo tendências a fragmentação ou usurpações, decorrente no caso Vândalo e Huno. Outro caso é como Anônimo Valensiano II aponta o poder formatado por Odoacro e Teodorico o Grande em sua *item ex libris inter cetera Chronicorum*, o que podemos fazer algumas considerações acerca.

45 Odoacer, of whom we have made mention above, presently deposed Augustulus from the rule and was made king; he remained on the throne for thirteen years. His father was named Edico, and Odoacer is also mentioned in the books on *The Life of Saint Severinus*, a Pannonian monk, who gave him advice and predicted his future royal power. (...) ¹⁷¹

47 “Meanwhile, as the servant of God had predicted to him, as soon as Odoacer entered Italy he received the royal power. At that same time, after becoming king, Odoacer recalled the prophecy which he had heard from the holy man, and at once addressed to him a friendly letter,” (...) ¹⁷²

¹⁷¹ Anônimo Valesiano II *item ex libris inter cetera Chronicorum* 45 Versão: Penelope Chicago.

¹⁷² *Ibidem* 47.

48 After that, King Odoacer made war on the Rugi, and in a second campaign vanquished and utterly destroyed them. Then, since he was a man of good intentions and favoured the Arian sect, "it happened that once, when in the presence of the holy man many nobles, as often happens, were praising and flattering the said king, as men will do, he asked what king they had extolled with such high commendations. And when they replied 'Odoacar,' he said 'Odoacer is safe for between thirteen and fourteen years,' thus, of course, indicating the years of his safe reign.¹⁷³

No caso de Valeniano, não observamos as mesmas forma de escrita presentes nas *crônicas* ou na *história*, mas a mesma concepção de pensamento sobre o poder formatado por Odoacro e posteriormente Teodorico. Amalo, nas relações com o Imperador Zenão aponta para maiores relações diretas com as instituições romanas presentes na península itálica, caso do *senado*. No político-militar, os pontos tornam-se problemáticos, pois a administração aparece como notório, mas ainda sempre atrelado com o comandando e alguns pontos de admissão da autoridade romano oriental¹⁷⁴. Sobre tal administração pela competência oriental, entra o ponto da numismática, no caso de uso de moedas como forma de legitimação do *Rex* dentro do ambiente que ele esteve. Notório que sem a autoridade romana existia a necessidade de um tipo de moeda e circulação, onde uma entidade administrativa é necessária, o que denota a continuidade das prefeituras e recolhimento de impostos. Mas pensar somente tal ponto como dentro da análise é problemática, pois as moedas do período tinham a identificação *Conob* (*Constantinopoli obryzum*)¹⁷⁵, o que não apontava para a autonomia local do *Regnum*, mas a importância da autoridade imperial mesmo com o poder local do *Rex*. Genserico possui moedas de cobre durante seu período em norte de África, mas o ponto não

¹⁷³ *Ibidem* 48.

¹⁷⁴ Na versão Latina dessa passagem temos alguns termos que possuem relevância. “Et praedixit regnum eius futurum”. Mesmo Anônimo apontando tal ponto sobre a posterior domínio que Odoacro possuiria, o *Regnum* aí não entra dentro da significação própria do contexto e noções do período, já que o próprio escrito de Anônimo é problemático em sua construção, tendo um Latim bastante mal constituído. Mesmo assim, ele coloca várias vezes o poder de forma que os bárbaros o faziam, só diferenciando o caso de Teodorico o Grande ser considerado pela corte e senado com o título de “Dux Gothorum” e “Patricius”. Assim podemos pensar tanto no que diferenciava a noção de civilidade, colocando tais títulos romanos para *Rex* bárbaros, que tinham influência no universo romano. Para maiores informações sobre a Itália no século V e VI: PINTO, O. L. V. **O mais belo ornamento de Roma: administração, ofícios e o Projeto burocrático nas variaes de Cassiodoro (507-540 D.C.)**. Dissertação (mestrado). Setor de Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

¹⁷⁵ Significa cunhagem de Constantinopla, o que indicava a moeda como parte do Império romano. Muitos líderes bárbaros cunhavam moedas com *Conab* pensando a autoridade que o Imperador Oriental possuía.

torna-se sólido para conclusões sobre o aparato administrativo que possuía sem um estudo mais profundo acerca de.

Depois de observarmos tais pontos, perguntamos, o que pode ter mudado comparando com um dos primeiros relatos sobre as populações bárbaras?

They take their kings on the ground of birth, their generals on the basis of courage: the authority of their kings is not unlimited or arbitrary; their generals control them by example rather than command, and by means of the admiration which attends upon energy and a conspicuous place in fronte of the line.¹⁷⁶

Ao observarmos Tácito, vemos pontos similares acerca da fundamentação do poder político-militar que ocorria no século I, mas que mesmo que as semelhanças sejam notórias, as mudanças podem ser observadas pela análise do historiador, dentro de sua perspectiva individual. Como concerne a um período de transformação, temos especificidades em cada localidade e *Rex* bárbaro, longe de possibilitar generalizações, o que pode ser visto dentro do contexto Vândalo. O *Regnum* dos Vândalos não se fundamenta nessa análise pois não compreende dentro dos pontos concernentes ao tipo de poder que Genserico detinha, tornando seu poder com determinada especificidade.

¹⁷⁶ Tácito. German. I. 7.

6 CONCLUSÕES PARCIAIS

Concluimos que o processo de fragmentação política do Império Romano Ocidental como decorrente do desenvolvimento temporal, possuiu maior ressonância no século V, tendo como ponto notório a passagem de tribos bárbaras pelas fronteiras imperiais do Danúbio e Reno, além de indicar o início de um novo momento, o começo de mudanças tanto no ambiente *Romano* quanto *Bárbaro* de forma mais intensa que anteriormente presenciado. Saindo de uma perspectiva apenas guerreira do *Rex* e de seu grupo gentílico, o líder de uma população teve outros elementos dentro da fundamentação política e social de seu grupo. O aparecimento de uma nobreza guerreira, a constituição de uma família nobiliárquica específica no comando de populações, oferece como fator mais importante, decorrente desde o contexto do século IV, o que formataria uma noção de identidade étnica, além de possibilidade de desenvolvimento em um ambiente político/institucional romano. Com tal processo, temos a mudança de um ambiente unificado sobre a autoridade romano ocidental para as autoridades dos *Rex* bárbaros, podendo ser considerado de plena *transformação*.

Genserico nesse processo demonstra-se como um líder político-militar de importância dentro do contexto do século V, o qual identificamos a especificidade de seu poder nas premissas que são coerentes com o período que está inserido. A formação de identificação de populações sobre seu mando ocorre similar à concepção de *Traditionskern*, pois tinha várias populações sobre o seu comando, devido, principalmente, a etnogênese e apropriação de grupos vencidos por Valia em *Hispania*. A consolidação de um poder régio apresenta-se de forma ainda focada no poderio militar e legitimidade de uma linhagem nobre específica, nesse caso os Asdingos. Configura-se, através das análises das fontes, que seu poder está atrelado a sua imagem como líder militar vencedor, centralizado frente as concepções de poder legitimado pelas instituições e *Lex*.

Observando as fontes, pensando dentro das possibilidades das relações de poder, o *Rex* fundamentou-se na concepção militar e em tradições provenientes dos povos bárbaros, mas com relações diretas ao universo romano. *Rex* como detentor de uma autoridade frente a populações bárbaras guerreiras, no estabelecimento definitivo em norte de África e legitimidade régia de sua linhagem nobiliárquica. Genserico, como líder militar e representante de uma família nobre, não constituiu amparado político-institucional representativo em seu período, o que indicaria um *Regnum* pleno com aparato administrativo, *Lex*, *Populus* e Território (juntamente como Átila, rei dos Hunos, concerne a um caso similar

na Antiguidade Tardia). Pensamos que, assim, o poder Vândalo causa demonstra-se problemático na constituição de sua autoridade sobre os diversos grupos bárbaros, sendo sua construção de poder diferente ao que concerne as Visigodos e Francos nos séculos V e VI, passando a características similares aos povos bárbaros no século IV e início do V. Assim, demonstra-se a complexidade do caso de Genserico dentro da conjuntura da Antiguidade Tardia, inserido nas contendas políticas de forma diferenciada a outros casos assim como aproximações.

FONTES

AMMIANUS MARCELLINUS. *The Later Roman Empire (AD 354 – 378)*. Londres: Penguin classics, 2004.

ANONYMUS VALESIANUS II. *Item ex libris inter cetera Chronicoru (PARS POSTERIOR: CHRONICA THEODERICIANA)*. Disponível em (Latim e Inglês):

<<http://www.thelatinlibrary.com/valesianus2.html>>

<http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Excerpta_Valesiana/2*.html>

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2007.01.0082%3Abook%3Dval2%3Achapter%3D7%3Asection%3D36>>

CASSIUS DIO: *Roman History*. Disponível em (Inglês):

<http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/home.html>

CORNELIO TÁCITO: *Agrícola; Germania; Diálogo sobre los Oradores*. Madri: Editorial Gredos, 1999.

CORNELIUS TACITUS: *Agricola. Germania. Dialogue on Oratory*. London: Willian Heinemann New York: The Macmillan Co. 1914. (Loeb Classical Library)

HYDATIUS: MOMMSEN, T. ed. *Chronica minora saec. IV.V.VI.VII., volumen II. (Monumenta Germaniae Historica, Auctores Antiquissimi, vol. II.)* Berlin: Weidmann, 1894.

IDÁCIO De Chaves. *Cronion de Idacio: obispo de Chaves*. Salamanca: Ediciones Calasancias, 1984.

PROCOPIUS, Of Caesarea. *History of the Wars, Books III - IV*. London: Willian Heinemann New York: G. P. Putnam's Sons. 1916. (Loeb Classical Library)

PROCOPIO, De Cesarea. *Historia de Las Guerras: Libros III - IV: Guerra Vándala*. Madrid: Editorial Gredos, S. A. U.. 2008. (Biblioteca Clasica Gredos; v. 281)

PROSPERUS Aquitanus. *Epitoma Chronicon*. In: *Chronicum Integrum In Dua Partes Distributum*. Documenta Catholica Omnia. Disponível em (Latim):

<http://www.documentacatholicaomnia.eu/30_10_0390-0463-Prosperus_Aquitonus.html>

VICTORIS EPISCOPI TONNENNESIS. *Chronica*. MOMMSEN, T. ed. *Chronica minora saec. IV.V.VI.VII., volumen II. (Monumenta Germaniae Historica, Auctores Antiquissimi, vol. II.)* Berlin: Weidmann, 1894.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática latina: curso único e completo*. 30. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.
- ARENDRT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria: Salamandra, 1981.
- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: EDIPRO. 2011 – (Clássicos Edipro).
- _____. *Política*. São Paulo: Martins Fontes. 2006.
- BRANDÃO, J. J. L. *Hellenika: introdução ao grego antigo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- BRAUDEL, F. *História e ciências sociais*. Lisboa: Presença, 1972.
- BÍBLIA – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BLOCH, M. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio na França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BROWN, P. *Santo Agostinho: uma biografia*. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2005.
- _____. *The World of Late Antiquity: from Marcus Aurelius to Muhammed*. Londres: Thames & Hudson, 1971.
- _____. The Rise and Function of the Holy Man in Late Antiquity. *The Journal of Roman Studies*, Volume 61 (1971), 80-101.
- BURCKHARDT, J. *Die ZeitConstantins des Großen*. Leipzig: E.A. Seemann, 1880.
- BURNS, T. S. *The Ostrogoths: Kingship and Society*. (Historia-Einzelschriften, 36.) Wiesbaden: Franz Steiner, 1980.
- CAMERON, A. *The Vandal conquest and Vandal rule (A.D. 429–534), XIV*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas, volume II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- COURTOIS, C. *Les Vandales et l'Afrique*. Paris: Arts et Métiers Graphiques, 1955.
- DANIÉLOU, J.; MARROU, H. *Nova história da Igreja*. Petropolis: Vozes, 1971-1976. Volume 1.
- DANKER, F. W.; BAUER, W.; ARNDT, W. *A greek-english lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. 3rd ed. Chicago; London: University of Chicago Press, c2000. Lxxix.
- DÍAZ MARTÍNEZ, P. C. El reino suevo de Hispania y su sede em Bracara. In : RIPOLL, G. ; CURT, J. M. (Eds.). *Sedes Regiae*. Barcelona : Reial Acadèmia de Nobes Letres, 2000.

- _____. En. *Tierra de nadie : visigodos frente a bizantinos*. In : PÉREZ MARTÍN, I. ; BÁDENAS DE LA PEÑA, P. (Eds.). *Bizancio y la Península Ibérica*. De la Antigüedad Tardía a la Edad Moderna. Madrid : Noeva Roma, 2004.
- DEZOTTI, M. C. C.; MALHADAS, D. *Dicionário grego-português*: DGP, 1-5. COTIA, SP: Atelie, 2010.
- DROYSEN. J. G. *Manual de Teoria da História*. Petrópolis: Vozes. 2009.
- EVANS, J. A. S. *Justinian and the Historian Procopius*. *Greece & Rome*. 2nd Ser., Vol. 17, 1970.
- ERLER M. GRAESER, A. (orgs). *Do Helenismo à Antigüidade tardia*. São Leopoldo: Editora Unisinos. 2005.
- FERNANDES, F. R. (Coord.) *Identidades e Fronteiras no Medievo Ibérico*. Curitiba: Editora Juruá, 2013.
- FERNANDEZ HERNANDEZ, G. Osio de Córdoba y la persecución tetrárquica. In: PEREIRA, G. (Ed). *Actas del Primer Congreso Peninsular de Historia Antigua*. Santiago de Compostela: 1988, vol. III.
- FERREIRA, A. G. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto Ed., 1996.
- FREND, E. W. H. C. A New Eyewitness of The Barbarian Impact On Spain, 409-419. In: MARTINEZ, J. M. B.; BLANCO, A. G. B. (Eds.), *Cristianismo y aculturación en tiempos del Imperio Romano*. Murcia: VII, 1990.
- FRIGHETTO, R. *Antigüidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano – Bárbaras numa época de Transformações (Séculos II-VIII)*. Curitiba: Juruá, 2012.
- _____. *Cultura e Poder na Antigüidade Tardia Ocidental*. Curitiba: Juruá, 2000.
- _____. Imperium et Orbis: conceitos e definições com base nas fontes tardo-antigas ocidentais (séculos IV – VII). In: DORÉ, Andrea; LIMA, Luís Felipe Silvério; SILVA, Luiz Geraldo (Eds.). *Facetas do Império na História*. Conceitos e métodos. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 147-162.
- GARCIA MORENO, L. A. *España Visigoda. Las invasiones. Las sociedades. La Iglesia (Historia de España R. Menéndez Pidal, III, 1)*. Madrid, 1991.
- GAY, P. *O estilo na historia: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GIBBON, E. *The Decline and Fall of the Roman Empire*. III vol. Nova York: Modern Library, 1977
- _____. *Declínio e queda do Império Romano*. Ed. abreviada. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

- GILLET, A. (Ed). *On Barbarian Identity; Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols, 2002.
- _____. Ethnogenesis: A Contested Model of Early Medieval Europe. In: *History Compass* 4. Oxford, Blackwell. p. 1-20. 2006.
- GIL EGEA, M. E. *África en tiempos de los vândalos: Continuidad y mutaciones de las estruturas socio-políticas romanas*. Memorias del Seminario de Historia Antigua VII, Universidad de Alcalá de Henares, 1998.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- GOETZ, H.W.; JARNUT, J.; POHL, W. (Eds.). *Regna and Gentes: the relationship between late antique and early medieval peoples and kingdoms in the transformation of Roman World*. Leiden-Boston: Brill, 2003.
- GOFFART, W. *The Narrators of Barbarian History -A.D. 550-800 - Jordanes-Gregory of Tours-Bede And Paul the Deacon*. New Jersey: Princeton University Press, 1988.
- GOLDSWORTHY, A. K. *The Fall of the West: the Death of the Roman Superpower*. Londres: W&N, 2009
- GONÇALVES, A. T. M.; MENDES, N. M.; SILVA, G. V. (Org.) *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- GUERRAS, M. S. *Os Povos Bárbaros*. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- GUIMARÃES, M. L. FRIGHETTO. R. (Coords.) *Instituições, Poderes e Jurisdições*. Curitiba: Juruá, 2007.
- HEATHER, P. *Empire and Barbarian: Migration, Development and the birth of Europe*. Londres: Macmillan, 2009.
- HEATHER, P.; MATTHEWS, J. *The Goths in the Fourth Century*. Liverpool University Press: Liverpool, 1991.
- KULIKOWSKI. M. *Guerras Góticas de Roma*. Tradução de Glauco Micsik Roberti – São Paulo: Madras, 2008.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A greek-english lexicon*. New York: Clarendon: Oxford University, 1996
- LOT. F. *O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média*. Lisboa: Edições 70, 1968.
- MARROU. H. I. *Décadence Romaine ou Antiquité Tardive? III – IV siècle*. Paris: Seuil, 1997.
- MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). *A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MERRILLS, A. H.; MILES, J. *The Vandals (The Peoples of Europe)*. Wiley-Blackwell.

- MERRILLS, A. H. (Ed.). *Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antique North Africa*. Aldershot, Eng., and Burlington, Vt.: Ashgate, 2004.
- MITRE, E. F. *Los germanos y las grandes invasiones*. Bilbao: Ediciones Moreton.
- MOMIGLIANO, A. *Alien Wisdom: The Limits of Hellenization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- _____. *La sabiduría de los bárbaros: los límites de la helenización*. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- MOSSE, C. *Péricles, o inventor da democracia*. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.
- MURRAY, A. C. (Ed.) *After Rome's Fall: Narrators and Sources of Early Medieval History*. Toronto: University of Toronto Press, 1998.
- PAZDERNIK, C. F. *Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field*. Transactions of the American Philological Association. Vol. 130. Emory University, 2000.
- PEREIRA, M. H. R. *Estudos de história da cultura clássica*. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- PIGANIOL, A. *Histoire de Rome*. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.
- PINTO, O. L. V. **VIR IN CONCUSSIONE GENTIVM NATVS IN MVNDO: Proposições acerca do Poder Régio entre Átila e os Hunos (séc. V)**. (Monografia), Setor de Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- _____. **O mais belo ornamento de Roma: administração, ofícios e o Projeto burocrático nas variaes de Cassiodoro (507-540 D.C.)**. Dissertação (mestrado). Setor de Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- POHL, W.; REIMITZ, H. *Strategies of Distinction. The construction of Ethnic Communities, 300-800*. Leiden-Boston-Köln: Brill, 1997.
- REALE, G. *Pré-socráticos e Orfismo*. São Paulo: Loyola, 2012.
- _____. *Plotino e Neoplatonismo*. São Paulo: Loyola, 2012.
- REVEL, J. *História e Historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.
- RICHE, P. *As invasões bárbaras*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1979.
- RIEGL, A. *Die spätromische kunst-Industrie nach den Funden in Österreich-Ungarn im zusammenhange mit der Gesamtentwicklung der bildenden Künste bei den Mittelmeervölkern*. Viena: K. K. Hof- und Staats-druckerei, 1901.
- ROQUES, D. *La guerre contre les vandales: guerres de Justinien, livres III et IV / Procope de Césarée*. Les Belles Lettres (Coleção La Roue a Livres), Paris.

- RÜSEN, J. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- THOMPSON, E.A.: *Los godos en España*. Madrid, 1971.
- WARD-PERKINS, B., *The fall of Rome and the End of Civilization*. Oxford, Oxford University Press, 2005.
- WOLFRAM, H. *History of the Goths*. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 1990.
- ZÉTOLA, B. M. *Política externa e relações diplomáticas na antiguidade tardia*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2012.

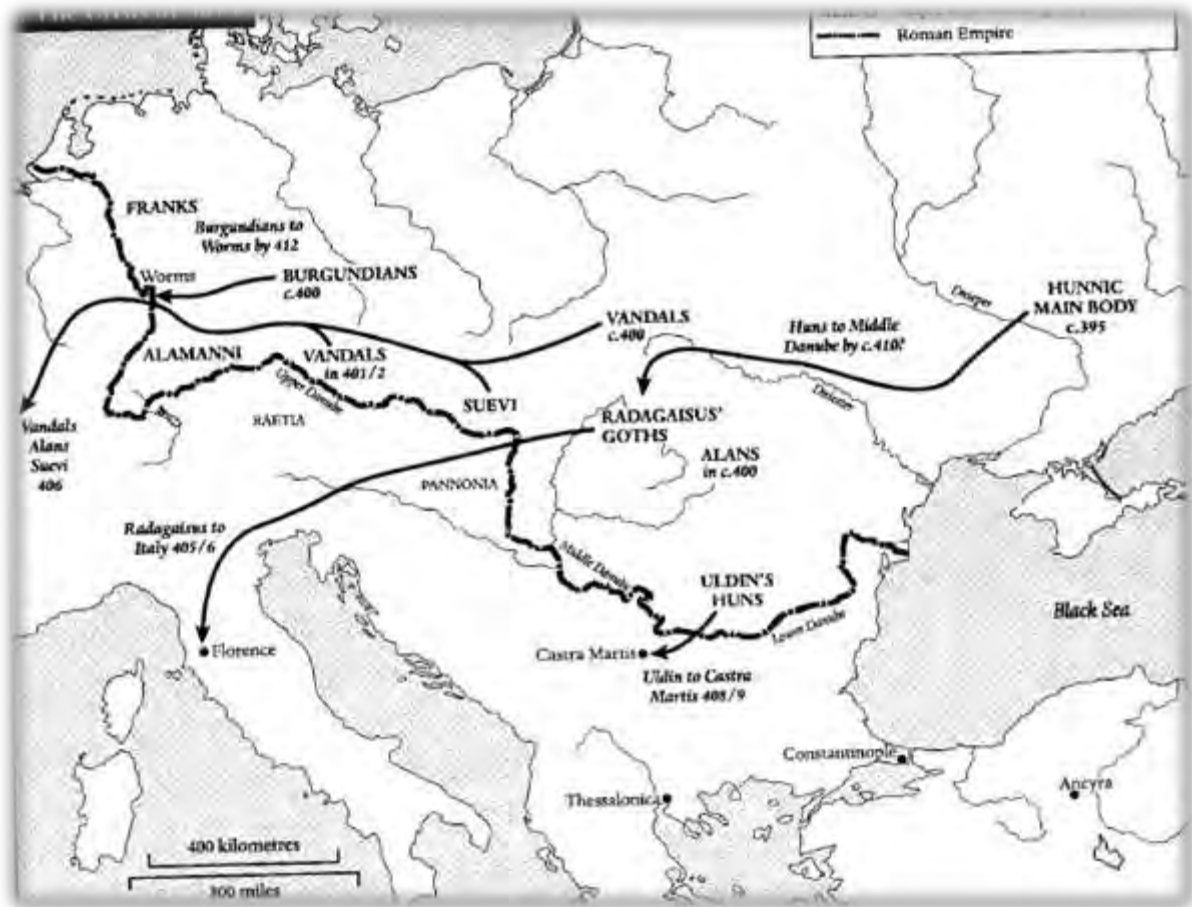
ANEXOS

Linha Cronológica com os *Rex* Vândalos:

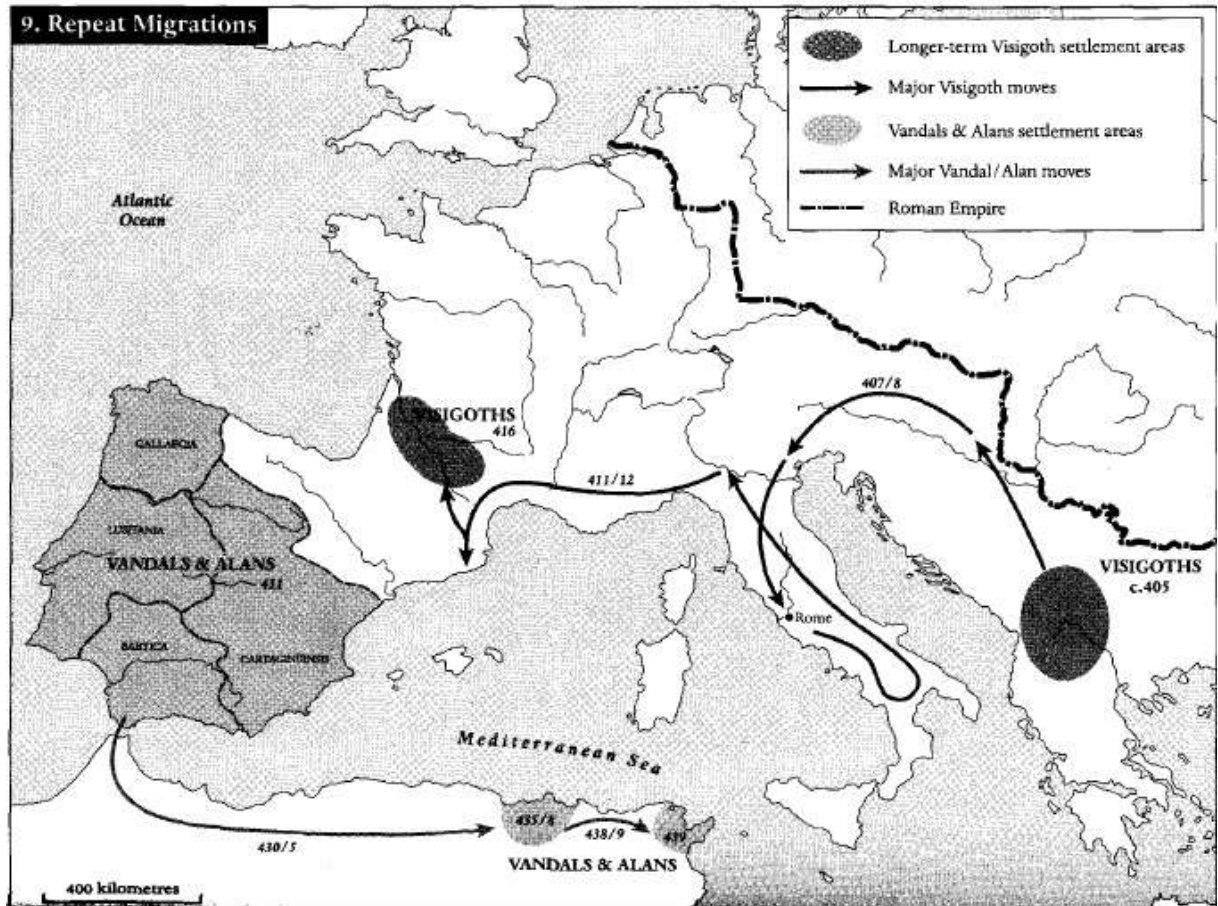
Ano	Rex Vândalo	Imperador Ocidental	Imperador Oriental
*** - 406	Godegisílio	Honório	Arcadio Teodósio II
406 - 428	Gunserico	Honório Valentiniano III	Teódosio II
428 - 477	Genserico	Valentiniano III Petrônio Máximo Avito Majoriano Líbio Severo Antêmio Glicério Julio Nepos Rômulo Augustulus	Teódosio II Marciano Leão I Leão II Zenão Basilisco
477 - 484	Hunderico	Cargo inexistente	Zenão
484 - 496	Guntamundo	Cargo inexistente	Zenão Anastácio I
496 - 523	Transamundo	Cargo inexistente	Anastácio I Justino I
523 - 530	Hilderico	Cargo inexistente	Justino I Justiniano I
530 - 534	Gelimerico	Cargo inexistente	Justiniano I

Linha Cronológica de *Magister Militum* (στρατηγός/στρατηγέτης) importantes:

Ano	Magister Militum	Pontos Importantes
395 - 408	Estilício	Casado com a filha de Teodósio I, Estilício teve importância na defesa da Itália dos godos de Alarico, além da retirada de tropas romanas sobre o Reno.
411 - 421	Constancio III	Casado com Gala Placídia, teve grande influência no período de Honório e posteriormente de Valentiniano III.
425/433 - 454	Flávio Aécio	Figura importante no comando de tropas na Regência de Galla Placídia e posteriormente Valentiniano III. Comandou as tropas romano/bárbaras na <i>batalha dos Campos Catalaúnicos</i> contra Átila e a liga Huna.
457 - 472	Ricimer	Filho de Réquila, <i>Rex</i> dos Suevos. Teve importância na derrota Vândala da Córsega, além de comandar os exércitos romano ocidentais sobre Majoriano, Líbio Severo e Antêmio.
475-476	Orestes	Podendo ser considerado o último <i>Magister Militum</i> do Império Romano Ocidental, Orestes conseguiu o título de Julio Nepos, usurpando a autoridade deste posteriormente. Coloca seu filho, Rômulo Augustulus como Imperador, um menino, o qual seria desposado com Odoacro em 476.
530 – 549 (Torna-se comandante das tropas de proteção ao Imperador).	Belisário	Sobre a autoridade de Justiniano, Belisário foi um dos responsáveis pela conquista Romana Oriental do norte de África Vândala. É um personagem chave para entender os conflitos desenvolvidos no período de Justiniano em África e Itália.



The crisis of 405 – 8. HEATHER, P. *Empire and Barbarian: Migration, Development and the birth of Europe.* Londres: Macmillan, 2009, p. 629.



Repeat Migrations. HEATHER, P. *Empire and Barbarian: Migration, Development and the birth of Europe.* Londres: Macmillan, 2009, p.630.



Figure 1.1 Late Roman and Vandal North Africa. MERRILS, A. H (Ed.). *Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antique North Africa*. Aldershot, Eng., and Burlington, Vt.: Ashgate, 2004, p. 2.